

NESTE NÚMERO:



JOÃO ANTÔNIO
IGNÁCIO DE LOYOLA
E MAIS,
MUITO MAIS

CONHEÇA
OS NOVOS COLONIS-
TAS DO JORNAL
ACADÊMICO...

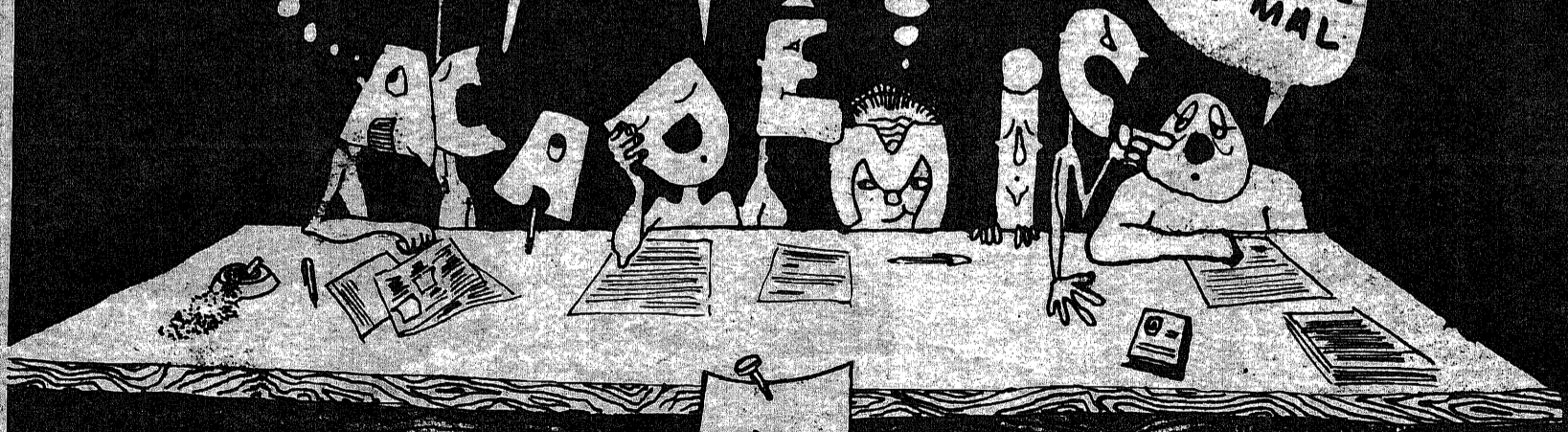
COM ESSES
CARAS VAI
DAR CÔCO!

MOACYR FELIX
DISSE QUE IA ESCREVER
NO PRÓXIMO
NÚMERO

ZZZ
ZZZ
ZZZ

D. EVARISTO
ARNS E
RUTH SCOBAR
TAMBÉM

O JORNAL
FAZ MAL



1978

FATOS & COISAS

Rua Antônio da Veiga, 140 — Caixa Postal 1124 — 89.100 — Blumenau — SC.
Idealizado em maio de 1975 e com o seu primeiro número lançado em junho desse mesmo ano.

Participou no mês de dezembro (7 meses após sua fundação) do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil onde foi laureado com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pelas Parker Pen do Brasil em todo o território nacional.

Fundadores

Seus fundadores são:
Oldemar Olsen Jr.
Maria Odete O. Olsen
Domingos Sávio Nunes
Roberto Diniz Saut
Fred Richter
José Luiz Dias de Souza

Nasceu de uma necessidade urgente de constituir-se um órgão que veiculasse opiniões, críticas e pensamentos que conduzissem ao debate, à polémica e outras reflexões construtivas capazes de transformarem.

O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades brasileiras e mesmo, em algumas estrangeiras: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta. Catarina e Brasil.

Jornal sério que se propõe, dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e de cultura; para isso, está com suas portas sempre escancaradas.

Editor e diretor responsável — Oldemar Olsen Jr.

Redatores — Maria Odete Onório Olsen, Roberto Diniz Saut, Domingos Sávio Nunes, Fred Richter.

Desenho e Arte — Silvio Braga (Magru), Otto (Fritz)

Colaboradores — Blumenau — Lindolf Bell, Gervásil Luz, Norton de Azambuja, Eulália Maria Radke, Beatriz Niemeyer, Vilson do Nascimento, Braúlio Maria Schloegel, José Roberto Rodrigues, Edith Kormann, Enéas Athanázio, José Endoença Martins.

Florianópolis — Pinheiro Neto, Lauro Junkes, Carlos Ronald Schmidt, Holdemar de Menezes, Theobaldo Costa Jamundá, Osmar Pisani, Emanuel Medeiros Vieira, Odir Nascimento, Celestino Sachet.

Joinville — Carlos Adauto Vieira, Alcides Buss.

Campos Novos — Artêmio Zanon.

Brusque — Inês Mafra, Luiz.

Chapécó — Marcos Antônio Bedin.

Lages — Wilson Antunes Junior.

São Paulo — Ignácio de Loyola Brandão, Péricles Prade, Plínio Marcos.

Rio de Janeiro — João Antônio, Marcos Konder Reis, Maura de Santa Pereira, Moacir Félix.

México — Raimundo Caruso.

Estados Unidos — Teresinha Pereira.

Porto Alegre — Antônio Hohlfeldt, Marcelo Rech.

Curitiba — Pedro A. Grisa, J. Jacobs Pulls.

Londrina — Domingos Pellegrini Junior.

APENAS UMA SEMENTE

O nível de ensino de nossa instituição, sempre será o resultado do trabalho alcançado através de toda nossa coletividade universitária, que busca melhores condições de estudo.

O universitário consegue arrancar daqui os frutos para sua estabilidade e conforto, transformando seu padrão de vida e atingindo seus ideais.

E, o DIRETÓRIO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE BLUMENAU — DACEB, vem em auxílio deste ser humano lutador, que é o universitário, que é você, para propor uma alternativa que sem dúvida facilitará a consecução de seus objetivos.

Nossa proposição: O BANCO DO LIVRO

O BANCO DO LIVRO é um sistema de aquisição e empréstimo de livros, conforme planejamento didático dos professores e aprovado segundo normas e regulamento próprio.

Objetivos Principais:

a) Adquirir os textos básicos, em número suficiente, para que cada aluno possa acompanhar as aulas, estudar individualmente e em grupo,

fazer provas, exercícios e trabalhos escolares.

b) Dar mais condições a cada professor de planejar e executar com os alunos atividades escolares, pela programação cuidadosa dos livros e apostilas.

c) Ampliar a informação escrita à disposição dos alunos para incentivar a leitura, estudo e a pesquisa além do mínimo exigido pelo professor.

Em resumo:

— Empréstimo do livro para todo o semestre.

— O aluno não precisa comprar livros.

— Todas as despesas são por conta do Banco do Livro.

— O aluno não paga nada.

Agora, vamos iniciar com o nosso plano piloto de implantação, que será extensivo ao Curso de Administração em nível de 1.º semestre, para gradativamente chegarmos a todos os cursos da FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE BLUMENAU.

Temos a certeza que você, caro amigo universitário, nos dará pleno apoio a esta iniciativa, que em sendo "apenas uma semente" poderá, montando-se uma estrutura sadia e capaz, auxiliar no desenvolvimento ainda maior da nossa FURB.

Saudações Universitárias
DACEB

**criação
dá
prêmio**

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial está oferecendo cem mil cruzeiros por um novo símbolo.

O Concurso é a nível nacional, e podem participar todos os profissionais e estudantes de desenho publicitário, programação visual, desenho de produtos e desenhistas de artes gráficas, individuais ou em

equipe.

Os trabalhos devem ser entregues na divisão de projetos especiais do Departamento Nacional do Senai, no Rio de Janeiro, até o dia 4 de junho.

Maiores informações podem ser obtidas na sede da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis.



**MINI MERCADO
FIAMBRERIA GLOBO**

Rua XV de Novembro, 1464

(em frente ao Banco do Brasil)

Fone: 22-5036

Blumenau

Santa Catarina

ENTREGA A DOMICILIO

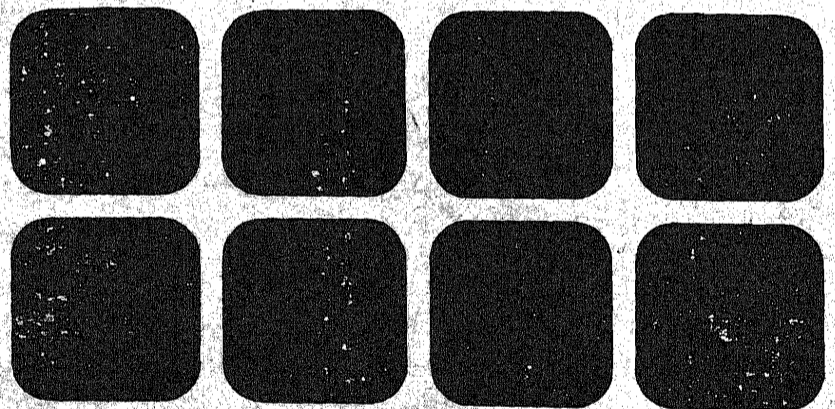
Novo Geração de Máquinas



31-E, 32-E e 33-E

**ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA
CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX
ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.**

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina



Flamingo
BLUMENAU
ITAPEMA
FLORIANÓPOLIS

BARRA PESADA

UNIVERSITÁRIOS NA TV

ROBERTO DINIZ SAUT

Lembro-me bem quando, embrenhados na preocupação do III FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO, em 1978, fomos, o Presidente do DCE eu atacados de surpresa pelo Diretor Artístico da TV Coligadas Canal 3, Giancarlo Sartorello:

— Escutem, vocês não querem fazer televisão?
— Fazer televisão? Como assim?
— É, fazer televisão. . . um programa de universitário para universitário. . .

Confesso que fui pego de calças na mão. E acredito que Sílvia Borges de Jesus, então Presidente do DCE também o foi, porque logo retrucou:

— Mas, o nosso problema atual é Festival da Canção, apesar de que essa idéia é genial!

— Não, não, . . . não precisa ser para amanhã. Quero apenas que pensem nessa possibilidade — retrucou Giancarlo.

Fiquei cá remoendo com meus botões: "um programa universitário na televisão. . . que porta enorme se abre para nós que lutamos pela união, pela integração, pelo ideal do estudante, diabo, se me oferecerem a coordenação. . . eu agarro".

Festival vai festival vem, chega o mês de julho. Giancarlo nos ataca novamente:

— Então, pensaram no programa?
Sílvia responde rápido:

— Pensamos, a resposta é positiva. E já nomeio (ato próprio dos chefes ditadores) o Roberto para ser o coordenador!

Ante tal ato de coragem do Napoleão furbeano. . . aceitei.

E Giancarlo não dormiu no ponto (. . . visão), pois esta seria mais uma oportunidade de penetrar nos lares, de infiltrar a televisão no meio universitário, de oportunizar um diálogo franco e aberto com a classe estudantil, de captar energias novas, e dimensionar certos aspectos da produção universitária. . . e jogou "JORNAL UNIVERSITÁRIO" no ar em agosto de 1978.

Teve boa aceitação. Tanto que pessoas ligadas ao Ministério de Educação e Cultura teceram elogios à iniciativa da TV Canal 3, aos universitários, afirmando inclusive: "conforme informações. . . vocês são pioneiros no país". Isto, mesmo que certos grupos interessados denominaram o Jornal de: "reza. . . reza. . . a bênção senhor reitor".

Críticas a favor, críticas contra, não importa. . . nos confortaram. . . porque amadores pecávamos e pecamos se comparar alguém nosso trabalho com profissionais.

Digo nós. . . porque ali nasceu Maria Odete Olsen. . . uma repórter que se destaca na Rede Catarinense de Televisão e ali se aperfeiçoa Marilu da Rocha Ribas.

No presente momento temos a presença importante e dinâmica dos colegas universitários de Florianópolis (UFSC).

Criado pela TV Coligadas Canal 3, produzido pelo Diretório Central dos Estudantes da Furb, de cunho amador. . . Jornal Universitário, de então, e atualmente "RCTV — UNIVERSITÁRIO, inserido no programa RCTV — SCHOW" da Rede Catarinense de Televisão (Canal 3 e Canal 6) . . . vem procurando abraçar a luta pela qualidade do ensino, defender a gratuidade do ensino, incentivar a formação de lideranças, batalhar para que o universitário venha a ser um membro ativo na sociedade em que irá exercer suas atividades, criar condições de o estudante poder exprimir suas opiniões sobre os momentos brasileiros, conscientizar todas as pessoas de que a educação é importante e fundamental para o próprio desenvolvimento do país, além de pugnar pela cultura, pela arte, pela criatividade, pela pesquisa, pela independência ideológica do universitário.

Todos que coordenamos, elaboramos o programa não podemos compreender o estudante alheio aos problemas da sua nação, da sociedade local, assim como não chegamos a entender que a sociedade, o país venha marginalizar o estudante. . . procurando abafar sua mais autêntica vontade de querer participar.

Dê atenção ao universitário e ele retribuirá sua atenção com trabalho perfeito, inteligente e com novas perspectivas. Não aguarde participação universitária sem inovações, pois esta é uma característica do jovem que pensa e que adquire dia a dia conhecimentos diversos. Não espere dele apego ao que é não, pela simples posição dinâmica que assume. O estudante quer participar com suas idéias, imaturas às vezes. . . mas não impossíveis de provocarem resultados evolutivos. Considerar o Universitário apenas um "adolescente improdutivo" é não acreditar na própria evolução da história. . .

EM PELOTAS, UM DCE LIVRE

Apesar de não reconhecido oficialmente pela Reitoria da Universidade Federal de Pelotas, o DCE-Livre, cuja diretoria foi homologada pelos estudantes em eleição direta, começou a pôr em prática seu plano de ação para este ano.

E entre os itens que serão tratados logo de início, com o objetivo de conscientizar a "cafourada", estão:

— reorganização da UNE (União Nacional dos Estudantes) e, paralelamente, das Uniões estudantis de estudantes,

— anistia ampla, geral e irrestrita e volta dos presos políticos, cassados e exilados da vida política nacional, além do retorno dos intelectuais às universidades brasileiras,

— melhoria nas condições do ensino, com mais verbas e vagas.

Atualmente seus dirigentes, estão engajados na luta pela reorganização da UNE, num movimento nacional que culminará, dias vinte e nove e trinta de maio, através de palestras, mesas redondas, show teatrais e musicais havendo até mesmo a possibilidade de uma passeata nas ruas centrais de Pelotas.

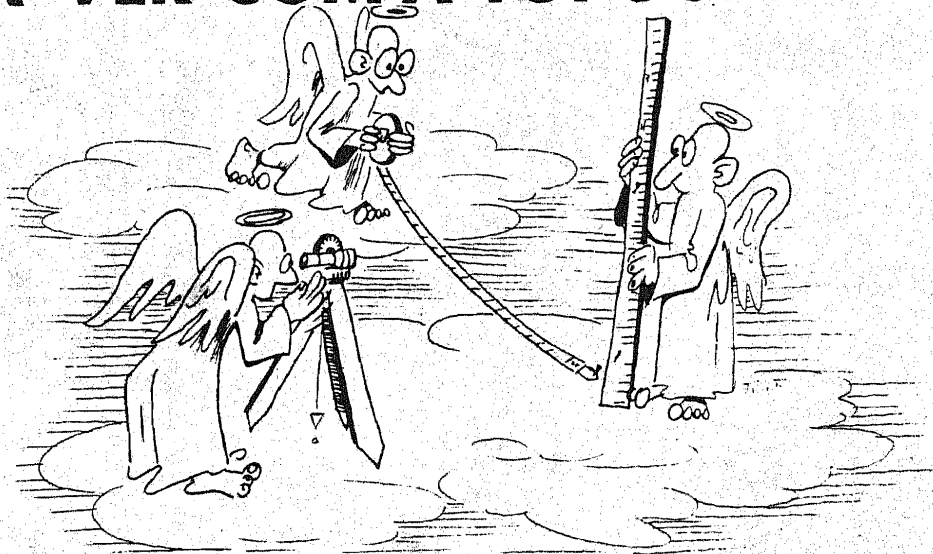
Outro problema que está preocupando os

dirigentes do DCE, é o transporte dos estudantes para o Campus, anteriormente gratuito e que, passará a ser cobrado.

Por iniciativa do reitor Ibsen Weitzel Stephan, está havendo um movimento para cobrar o transporte dos próprios estudantes, quando este até agora, era feito com verbas do governo federal, inseridas no orçamento da universidade.

Por isso Ricardo Campos Nogueira e seus colegas de diretoria do novo DCE, estão atentos para a situação, caso ela seja confirmada agora em março, os direitos do estudante, serão defendidos, e acrescenta, "o transporte para o Campus sempre ocorreu por conta da própria universidade; que conta, para isso, com verbas específicas. Então, é inadmissível que, agora, os estudantes tenham de arcar com essa despesa, ainda mais se atentarmos para o fato de que a maioria não possui recursos para isso. É a confirmação prática de que o acordo MEC/Usaid ainda determina as diretrizes do nosso ensino e as universidades federais serão transformadas em entidades autofinanciáveis a médio prazo. Isso, em primeira análise, já será uma forma de elitizar ainda mais o ensino brasileiro, tirando as chances de estudar da grande maioria."

O QUE É QUE DEUS TEM A' VER COM A TOPOGRAFIA?



O movimento de grande repercussão que catalizou a atenção popular, organizado por 100 acadêmicos do curso de Engenharia Civil de Blumenau com o propósito de destituir o professor da cadeira de Topografia dessa mesma Faculdade, foi o assunto do momento.

No princípio, para os estudiosos de educação, o envolvimento dos alunos era de caráter tipicamente pedagógico com o objetivo simples de melhorar as condições de uma disciplina mal orientada.

Depois, participando de uma reunião em que, no decorrer de 10 horas consecutivas, um grupo discutiu os itens a serem apresentados à direção da Faculdade de Engenharia, alguém sugeriu que a comissão encarregada, deveria limitar-se a: "levantar a lebre aqui em baixo, para que a mesma fosse estourada lá em cima".

Aí surgiu o impasse maior, o problema então, deixava de ser pedagógico e assumia características bucolicamente ecológicas (porque a destruição da fauna estava proibida) e com um agravante maior, conseguir dinamite para explodir a fera, envolvia o exército, e uma autorização para destruir uma vida, mesmo que, aparentemente selvagem, carecia de ponderação e não podia ser fácil, mas podia ser tentada.

O professor da cadeira de topografia que se pretendia banir é de descendência japonesa.

Não se podia salvá-lo como homem para enterrá-lo depois como japonês, mesmo porque, o problema já passaria a ser étnico e o racismo no Brasil é um crime condenável.

Quando ao banimento, deveria ser legal. Mas, depois dos expurgos (revolução russa) e do exílio dos brasileiros, no caso estudantil, Wladimir Palmeira e Luís Travassos, o movimento teria conotação melancolicamente saudosista.

Então, ninguém poderia ser banido, apenas afastado. Mas aí, surge outro quesito. Para se afastar alguém de algum lugar, é necessário a presença de elementos com muita influência e acesso a burocracia vigente. Sobreveio a lembrança de alguns edis e isso metamorfoseou o descontentamento antes pedagógico, depois ecológico e étnico, para um outro, dessa vez, político. Mesmo com a derrubada do 477, ainda não se pode fazer política nas universidades. E a reunião prosseguia na busca intransigente de argumentos para se apresentar ao Departamento competente com o mesmo objetivo constantemente lembrado: excluir o professor do quadro docente da instituição.

Alguém lembrou que o professor pressionava o sexo oposto para facilitar a aprovação e que seria fácil conseguir provas com testemunhas e tudo.

Agora a situação étnica-política, passava a ser social-moralista e isso era dilema de cada um, mas nós não podíamos transigir.

Aventou-se a idéia de se fazer uma Campanha de difamação pública usando-se todos os recursos naturais, artificiais, objetivos e subjetivos, terrestres e alados.

A Campanha, o mais eficiente dos itens sugeridos, me pareceu mais trabalhosa porque, segundo minha experiência profissional, agora já tínhamos um Caso de Marketing e isso, envolvia uma Agência de Publicidade com todo o seu aparato de supérfluo necessário: Dpto. de Artes para manter o visual, um Dpto. de Planejamento para esboçar o plano da campanha, um Dpto. de Redação para detalhar todo o projeto, o Tráfego para distribuir o material já organizado, sem incluir o Estúdio-fotográfico e o Dpto. de Cinegrafia. Isso

representava, em termos econômicos, muita verba e o DCE (Diretório Central dos Estudantes) não podia investir tanto.

O outro item proposto, para que se explorasse os recursos naturais, mudou a o nosso antigo problema em um caso de Agricultura, e a agropecuária estava sendo difamada e não conseguia atingir os antigos índices de produtividade que o país já vira, como o do café, por exemplo.

Os recursos artificiais não eram cabíveis, mesmo porque, agora já tínhamos uma abrangência Industrial e as pequenas empresas estavam sendo gradativamente absorvidas pelas grandes, pelas multinacionais, pelos "trustes que nos reduzem a trastes" (Félix de Athaide) e não eram viáveis.

Para os argumentos objetivos, tínhamos os nossos direitos, o que acusava um problema jurídico e, para ser direito é necessário se ter um referencial (em relação a que) e isso já é física e ninguém estava disposto a gastar fosfato calculando nada.

Quanto aos recursos subjetivos, uma lembrança pouco memorável, interessante e revoltante, seria começar relatar tudo desde o ataque traçojeiro, quebrando todo o protocolo militar, da agressão japonesa a ilha de Pearl Harbor no pacífico.

Mas isso, pareceria especulação a um fato consumado e só traria outro dissabor: um problema bélico de mera estratégia militar.

Da forma como se discutia naquela reunião, em breve foi lembrado de um outro expediente: os famigerados recursos "extras", terrestres e alados.

Uma idéia tresloucada, seria eliminar o nissei titular da disciplina de Topografia pelo método mais simples: MATA-LO.

Poder-se-ia lançar, na calada da noite, um objeto qualquer no cocuruto oligárquico do agrimensor dos agrimensores e tudo estaria resolvido.

Ponderando o fato, todos chegaram a conclusão que o processo elementar era o mais eficiente. Mas surgiu, em decorrência da desconhecida "arma do crime", aos idealizadores do plano, um grande problema: o órgão que estuda o surgimento de "OVNIS" — objetos voadores não identificados, é a NASA, e aí teríamos um caso de Ufologia, e nesse caso, ninguém acreditaria, mesmo que se fizesse um filme.

Mas se, superando todos os dissabores, conseguíssemos acabar com o professor de topografia, matando-o. Então, teríamos um problema de consciência para nos atormentar e não haveriam mais condições psíquicas de fazermos o curso de engenharia civil.

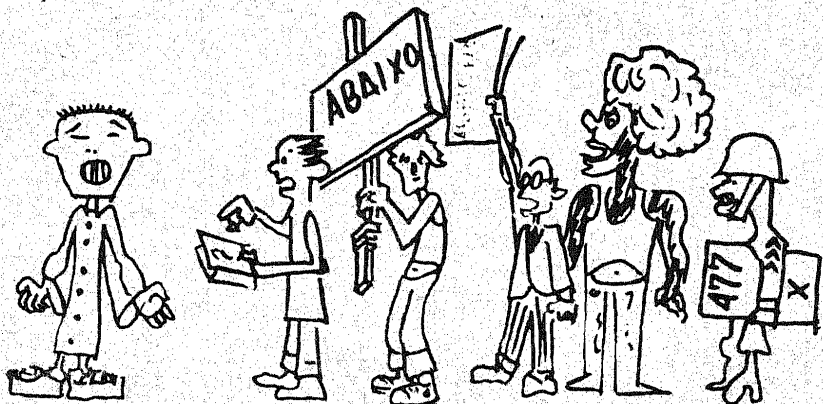
Mas, se ainda superássemos esse impasse, haveria outro: DEUS.

Não acreditamos no professor, isso nos impingiria o epíteto de agnósticos, transformando-nos em ateus e esse já é um problema de Teologia.

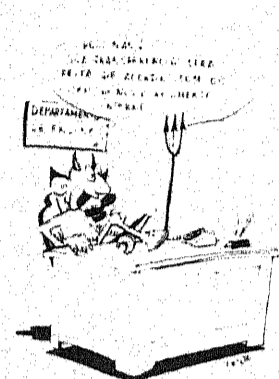
Com relação ao último, cada homem crê naquilo que quiser, tudo depende da orientação que teve para formar a sua personalidade, o que nos leva a um último problema: de educação — educação é pedagogia. E tudo voltou ao ponto de partida completando a monotonia dialética do círculo vicioso e que nos induz compulsoriamente a um outro movimento importante: UMA GREVE TERRENA PARA DESTITUIR A MONARQUIA DIVINA!

E eu pergunto — o que é que Deus tem a ver com a topografia? (Oldemar Olsen Jr.)

OLDEMAR OLSEN JR.



TRANSFERÊNCIA DE ALUNOS DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR



Art. 1.º — As matérias componentes dos currículos mínimos de quaisquer cursos superiores, definidos pelo Conselho Federal de Educação, cursadas com aproveitamento em qualquer estabelecimento funcionando regularmente, serão automaticamente reconhecidas por outro estabelecimento, no caso de transferência de alunos.

Parágrafo 1.º — Para os fins do disposto neste artigo, considera-se como funcionando regularmente o curso ou estabelecimento autorizado ou reconhecido, na forma da legislação vigente.

Parágrafo 2.º — Como matéria entende-se cada um dos títulos de campos científicos, técnicos, artísticos ou outros explicitado na definição dos currículos mínimos.

Parágrafo 3.º — O reconhecimento a que se refere este artigo implica a dispensa de qualquer adaptação obrigatória, e acarreta a atribuição dos créditos correspondentes e demais efeitos para continuação do curso frequentado pelo aluno transferido.

Art. 2.º — A verificação do cumprimento do disposto no "caput" do artigo 1.º deste Decreto esgotar-se-á com a constatação de que o aluno foi regularmente aprovado na disciplina ou disciplinas correspondentes a cada matéria.

Parágrafo 1.º — No caso de a matéria ser desdobrada na instituição de destino, em diferentes disciplinas, essa instituição poderá exigir que o aluno curse a disciplina ou disciplinas em falta para completar a matéria.

Parágrafo 2.º — O disposto no parágrafo anterior não autoriza a exigência de adaptação por divergência de programas de disciplinas, nem o cumprimento do pré-requisito imposto na ins-

tuição para a qual o aluno se transfere, sempre que, na instituição de origem, o pré-requisito não for exigido para aquela ou aquelas disciplinas.

Art. 3.º — O disposto nos artigos anteriores não impede que a instituição que recebe o aluno lhe proporcione aconselhamento e orientação, no sentido de esclarecê-lo melhor sobre a diferença de currículos, conteúdos e programas, e a maior ou menor dificuldade que ele poderá ter na continuidade dos seus estudos.

Parágrafo Único — O aluno, em consequência do aconselhamento e da orientação indicados, poderá voluntariamente se propor a fazer adaptações ou recuperações paralelas ao prosseguimento do seu curso, sem prejuízo do reconhecimento das matérias já cursadas, na forma do artigo 1.º deste Decreto.

Art. 4.º — Observado o disposto nos artigos anteriores, a instituição para a qual o aluno se transfere exigirá dele, para integralização do seu currículo pleno, o cumprimento regular das demais disciplinas obrigatórias que não resultantes do currículo mínimo.

Parágrafo único — Caso o aluno já tenha cursado com aproveitamento, na instituição da qual se transfere, disciplinas da mesma natureza, seus créditos serão reconhecidos com ou sem adaptação.

Art. 5.º — Ao exigir a integralização curricular para expedição do diploma de conclusão de curso, a instituição na qual o aluno o estiver concluindo deverá orientá-lo na escolha de disciplinas optativas e eletivas que melhor se ajustem à natureza do curso, para efeito de completar a carga horária e os créditos requeridos, toda vez que as matérias obrigatórias tenham sido plenamente atendidas na forma dos artigos anteriores.

Art. 6.º — A transferência de estudantes de uma instituição de ensino para outra, em localidades distintas, será concedida em qualquer época do ano letivo e independente de vaga ou quaisquer outras exigências, salvo as previstas neste Decreto, quando se tratar de servidor público federal, ou dependente de servidor com essa qualidade que a requeira em razão de comprovada transferência ou remoção "ex-officio" acarretando mudança de domicílio.

Art. 7.º — O Ministério da Educação e Cultura aprovará instruções operativas e resolverá as dúvidas na aplicação deste Decreto.

Art. 8.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

OLGA SAVARY: SUMIDOURO, NASCEDOURO?



O último livro de Olga Savary é uma obra singular. É antes de tudo, uma poesia esquivada do imediato. Onde intuição é mais que a feérica descrição do mundo. Um mergulho corajoso nos sentidos e no tempo, para descobrir a "secreta pata" de ambos.

É poesia de instinto preservado em direção à fonte da vida. Longe da corrente veloz das passageiras correntes. Trata-se de poesia onde se entrelaça o afeto pelo ser humano, a emoção de existir, e, sobretudo, raízes e redes que o destino reserva de surpresa em surpresa, de cidade em cidade, de indagação em indagação.

Instantâneos da sensibilidade por ser e estar no mundo. Não da paisagem visível. Mas das dúvidas de ser e estar na paisagem geral. Das dúvidas invisíveis, porém tactáveis pelo coração atento.

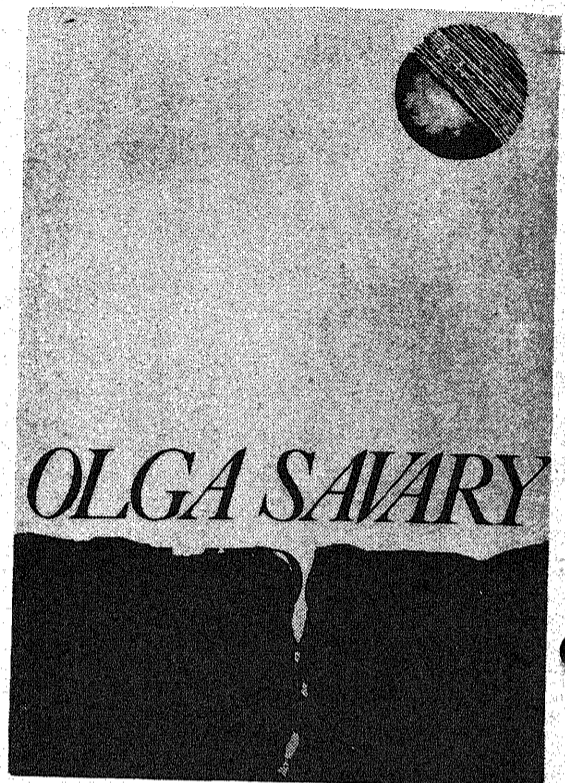
A dor, a emoção, o afeto, o espanto, a emoção feita clareza (e movere — alagar a consciência). Olga Savary arremessa-se na sua funda poética; é matéria-prima de si mesma.

Em cada verso transparece o auto-retrato transfigurado de vivências reais. Nos versos entrega-se inteira e se reconhece na humanidade.

Não há outro caminho para o auto-descobrimto a não ser transcender à superfície. Savary aceita o caminho, escolha rara e difícil, porque conduz ao retrato de múltipla face, tantas vezes sufocado e adormecido nas criaturas.

A poesia de Olga Savary, em Sumidouro, funde-se ainda desta ânsia essencial e decisiva: descobrir o lado secreto das coisas através da palavra.

Olga Savary "enrodilhada como" uma cobra de cabeça chata", é telúrica e alada" e "sua funda é o poema".



QUARTO DE NUUVENS

Quase mineral, jazente ajazada, escondo-me gelada no silêncio mais fundo da palavra.

Não sei mais do alto, só o que vejo das nuvens fechadas atrás dos vidros da janela onde passam espelhando o exterior nos vidros da vidraça.

Não falo mais do céu fora de alcance: falo do que os pés alcançam, falo da terra que me cabe, da terra que me cobre e que me basta.

Rio, 1975

FOGO

Dar-me toda a este verão urdideiro de rios, é ser serpente de prata. Verão, foi feita mais uma vítima.

Sou um ser marcado, natureza. A tarde crava em meu magma o selo de sua secreta pata.

Recife, março 1971

DAVI

Não sendo bicho nem deus nem da raiz tendo a força ou a eternidade da pedra, o poeta nas palavras põe essa força de nada: sua funda é o poema.

Rio, dezembro 1974



FINASC

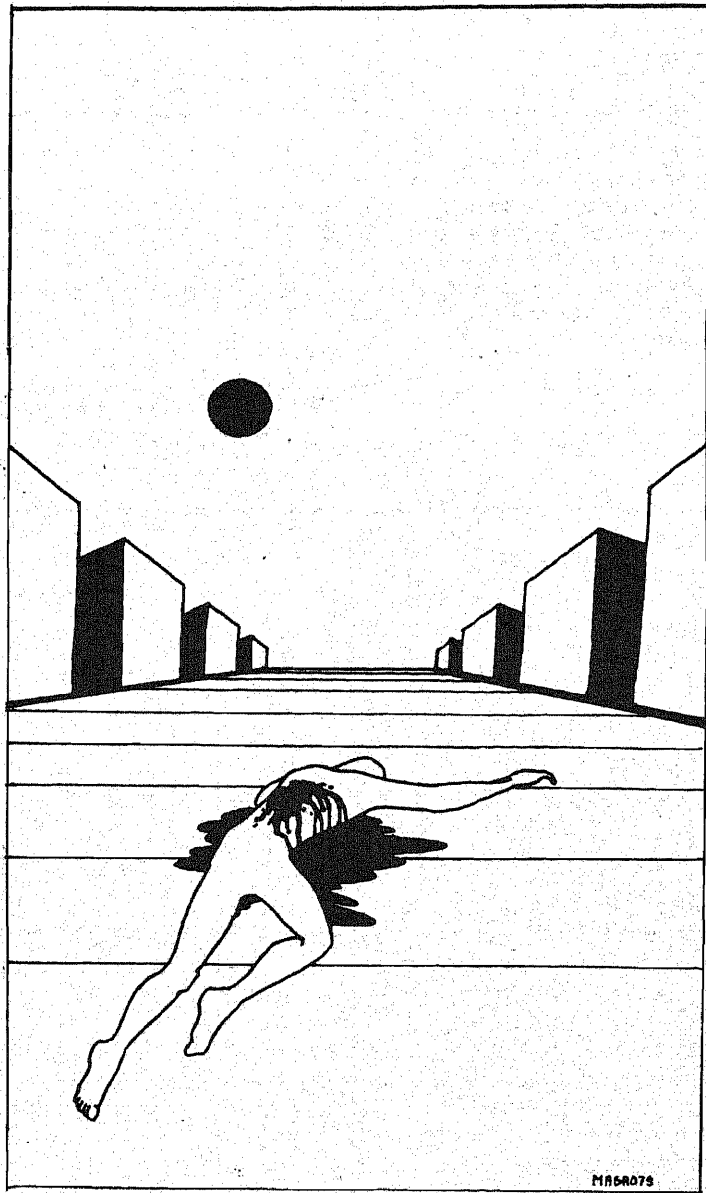
Somando recursos para multiplicar benefícios

POESIA

MORRE UM CAMARADA EM MANÁGUA

Chamam-se ao telefone:
 é um amigo que regressa da Nicarágua.
 "Tenho más notícias, disse,
 mataram seu amigo, o de LA PRENSA."
 O choque me deixa sem forças
 mas consigo pedir uma confirmação!
 "Ao camarada Pablo Antonio Cuadra?"
 "Não, ao outro diretor, Pedro Joaquim Chamorro!
 Trouxe um jornal que lhe entregarei mais tarde."
 Depois, leio o editorial
 escrito por Pablo para LA PRENSA:
 "Meu amigo, meu irmão caiu
 e seu sangue me salpica e me cega".
 Emociono-me até as lágrimas
 eu, que nem havia conhecido a Chamorro.
 E agora, junto-me a Pablo em seu protesto
 contra os malditos assassinos
 Nesta mão segura o lápis
 para enviar meu grito oco,
 cego também, rubro de ódio,
 prolongado até o céu da Nicarágua
 para que de lá me ouçam os camaradas:
 para rogar-lhes que já não permitam
 que martirizem seus heróis
 que façam justiça e cumpram sua missão
 e façam com que o miserável punho assassino
 pague por todas as mortes e torturas
 sofridas nessa doce terra nicaraguense
 agora presa de tiranos.

Teresinha Pereira
 Janeiro, 1978



CONTO

DECEPÇÃO

Ali estava ela novamente, na penumbra da rua apenas seu perfil eu via, era linda. Fazia três semanas que eu havia mudado para aquela cidade, todos os dias a mesma figura andando lentamente, no mesmo local onde a primeira vez eu a tinha visto. cabelos bonitos, bem ajeitados, sapatos novos vestido bem lavado, rosto pintado, despertou em mim o que despertaria em qualquer pessoa do sexo oposto.

A primeira investida: aquele jeito de chegar, jeito de quem chega com 10.^a intenções, o velho papo — Oi! seu João, como vai você? E a resposta — Eu sou sozinha me chamo Rosângela. Disso surgiu: o primeiro jantar, os primeiros risos descontraídos o tocar das mãos, o primeiro fim de noite. A recompensa valeria a pena daqueles gastos extras de um orçamento já terrivelmente calculado? Penso que sim e vou em frente. A saída do restaurante, o embarcar no carro, o giro pela cidade por fim o convite para a visita em meu apartamento. O não seco conclui — com um — Deixe-me aqui! Estático observei-a se afastar; o corpo lindo andar o charmoso pernas bem torneadas quadril e busto perfeito, o olhar cínico de quem diz — Boa noite otário.

A segunda tentativa: três dias após — estava linda — quando me viu, o sorriso largo e sincero, o beijo no rosto o afago nas mãos, o olhar dizia tudo, quase que entendendo o meu orçamento estourada com uma simples conta de Cr\$ 700,00 ela falou: — Hoje quem paga a nossa janta sou eu.

E ali estávamos nós: o mesmo restaurante os mesmos sorrisos, e as seme-



lhantes carícias; às vezes arriscando uma tentativa por baixo da toalha e sempre recebendo uma delicada negativa, mas sentindo no seu jeito o desejo de dizer "SIM CONTINUE". Novamente o rodar pela cidade e por fim o pedido — Deixe-me em casa, sim?

O terceiro encontro: sai do escritório onde trabalhava e ali estava ela encostada naquele horrendo carro que eu possuía. Era fim de mês, uma sexta-feira e algum dinheiro no bolso. A noite começou naquela hora. O chopp, a roda de samba, a caipira de Vodka. O ambiente estava perfeito, tudo fazia crer que o lobo ganharia a sua recompensa. Às 8:30h o pedido: — Vamos até minha casa gostaria de tomar um banho e trocar esta roupa. E saímos. Ao parar em frente a sua casa notei em uma janela uma senhora ela falou — É minha mãe quer entrar? Respondi — Vamos fazer o seguinte enquanto você toma seu banho, vou até o meu apartamento e faço o mesmo e dentro de 1:00h te apnho aqui tá legal? Ela respondeu: — Tá legal, dentro de uma hora, tchau. Fui para meu apartamento. 45 minutos depois estava entrando em meu carro. Foi aí que reparei que ela havia esquecido sua carteira entre os assentos. Abri-a. A sua fotografia e uma carteira de identidade. Comparei as fotos, os mesmos traços o mesmo cabelo só um pouco mais curto do que atualmente ela era linda, devia ter tirado esta carteira alguns anos antes pois parecia mais jovem do que atualmente, virei e senti as pernas tremerem ela se chamava ANTONIO FIGUEIRA DA COSTA.

LUIZ

LITERATURA

DE ONDE VEM O GRITO
 Não sei se acho teu silêncio
 companheira
 Não sei se encontro teu medo
 Mas queria um sorriso
 queria a liberdade
 queria muitas estradas
 As vezes, companheira
 precisamos chorar e ferir
 para termos a solidão que
 necessitamos
 As vezes nem olhamos
 a flor que pisamos brutalmente,
 mortalmente...
 Por isso não sei se te encontro
 companheira
 em terras tão distantes
 Não sei se acho tua manhã
 sangrenta
 quando morremos na violência da rua
 nos disparos da ordem
 nas sentenças da mentira
 Não sei se te encontro, companheira
 Se morro antes de te libertar
 do meu coração...
 Se vou sem antes de oferecer
 vitória e alegria...

BORBOLETA AZUL

Quero teu vôo! E a liberdade minha
 que não é inteira e sempre,
 é vento em tuas asas.
 E te quero no claro do dia
 cercando matas
 e florindo cachoeiras.
 Quero teu vôo
 de raça mágica e aflita
 de gente buscando vida
 de amor na ponta do espinho.

Quero teu vôo
 como liberdade e plenitude
 que não rasga asas
 que não estraga homens
 que não mata forças
 teu vôo
 que não prende (na distância)
 em exílios
 que não tortura (no escuro)
 em prisões
 que não faz sofrer (aqui)
 no país que vivem
 os homens de agora
 as crianças e velhos
 a raça índia e cheia de fé
 na terra que ama.

ONDE SE ESCONDE A ALMA DE UM POETA PROLETÁRIO

Eu tenho o punho cerrado
 é de dor
 Eu tenho a boca ferida
 de amor
 tenho um corte no peito
 de dor
 tenho bandeira nos olhos
 de amor
 Eu tenho uma dor
 onde devia ter amor
 Eu tenho um amor
 onde devia sentir dor
 tenho o dragão lutador
 contra a esperança desarmada
 tenho o brilho da espada
 no pescoço das promessas fugitivas
 tenho uma guilhotina dourada
 na justiça que é cega e hereje
 tenho o sabor da liberdade
 misturado ao gosto da violência
 e mais que tudo
 tenho a paz de viver agora
 e não depois.
 quando a luta erguer um herói
 na praça, estátua de estrelas,
 e mais que tudo
 tenho a cintura pesada de
 granadas que escondem nos estilhaços
 minha alma de poeta proletário.

LIVRARIA ACADEMICA

AGORA MAIS PERTO DE VOCE

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina

O dossiê da violência

O documento "Repressão na Igreja no Brasil, Reflexo de uma Situação de Opressão (1968-1978)" faz uma série de levantamentos importantes a respeito da perseguição sofrida pela Igreja e por religiosos no país, durante o período analisado. Os dados são ainda imprecisos, conforme o próprio texto indica, mas apesar dessa limitação, já são suficientes para fornecer uma visão panorâmica do problema, além de propiciar uma primeira análise em relação à questão.

A seguir relacionamos alguns dos pontos principais extraídos do documento em questão sobre os casos mais significativos da perseguição à Igreja.

Torturas

Dispomos de 34 casos registrados de tortura entre padres, religiosos e seminaristas.

As práticas de torturas são bastante conhecidas e não seria o caso de relatá-las aqui. Observamos apenas que, registros que temos, o conceito de tortura abrange desde pressões psicológicas leves e intimidações, até agressões físicas, sevícias e pressões psicológicas violentas, passando por assinatura de documentos falsos, ameaças de morte ou de tortura física, interrogatório sob pressão de qualquer espécie, incomunicabilidade, e uso de instrumentos como choques elétricos, "paus de arara", "quarto da onça" e outros.

Há registros de pessoas que ficaram inutilizadas física e/ou psicologicamente, por motivo de tortura.

Diante do quadro geral de violência, sobretudo nas épocas de maior repressão, muitas pessoas acabam não considerando tortura, procedimentos que assim seriam categorizados, por comparar sua situação com outras mais graves, o que facilita o trabalho da repressão.

Quanto a denúncias, há casos em que as pessoas não as fazem por serem intimidadas a não falar dos fatos ocorridos durante o período de prisão. No entanto, aqueles que conseguiram relatar detalhadamente os processos usados, contribuíram para ajudar ou quem sabe para salvar algumas vidas. Há depoimentos minuciosos em SEDOC e nos arquivos da CNBB.

Para ilustração vale citar o PE. Lourenço Rosenbaugh e o Pastor Menonita Tomás Capuano detidos em Recife em 1977: "Eu não queria que o fato de nossa prisão e as privações e sevícias sofridas por nós fossem objeto de atenção neste caso, antes a crueldade e degradação humana as quais estão sofrendo os presos ainda mantidos ali... realmente as condições precárias, ausência do direitos humanos mais básicos, e a brutalidade policial na delegacia de roubos e furtos pareciam-me iguais às da época colonial" (foram detidos em prisão comum onde cotidianamente os pobres experimentam a violência e a humilhação). (SEDOC, dezembro de 1977).

Sobre torturados no Brasil, no período, não se dispõe de dados. Em publicação de ASAL (Associação para os Estudos e a Documentação de Problemas Socio-Religiosos da América Latina; Itália, ano II, n.º 6; 1973) encontramos uma lista de presos torturados no Brasil, no período de 1964/1973 de 1081 casos.

Mortes

Pe Antônio Henrique Pereira Neto, que trabalhava com jovens, foi ameaçado anteriormente, até que se cumpriram as intenções daqueles que o assassinaram barbaramente e ainda o difamaram. Recife, 1969. (Esta foi uma das formas de pressão contra D. Helder Câmara).

Seminarista Waltair Bolzan vítima de assassinato durante tiroteio no qual a polícia atirava contra presidiários fugitivos. Porto Alegre, 1972.

Pe Francisco Soares ex-assistente da JOC em São Paulo, participante do grupo de sacerdote para o Terceiro Mundo, assassinado em San Fernando, Argentina, onde se encontra há dez anos, vítima da violência repressiva em escala continental. Buenos Aires, 1976.

Pe Alberto Pierobon, desaparecido inexplicavelmente, encontrado morto em Tamarandá, Paraná. A causa mortis desconhecida faz suspeitar de represália. Excluiu-se a hipótese de suicídio. Compareceram ao enterro 15.000 pessoas. Paraná, 1976.

Pe Rudolf Lukembein, assassinado juntamente com o índio Simão, durante a in-

Acadêmico - 1. Dom Paulo Evaristo Arns, o senhor tem se caracterizado dentro da igreja brasileira, por sua luta pelos direitos humanos. O que o senhor poderia nos dizer, sobre seu trabalho, onde o senhor tem concentrado mais as suas forças?

Cardial Arns - Bem, a luta pelos direitos humanos, é uma luta propriamente pelo homem e pelo evangelho do Cristo que veio trazer a dignidade do homem à mente de todos e obrigando-nos então, a lutar pelos direitos humanos. Um tempo atrás a nossa luta era sobretudo orientada em favor dos presos políticos. Muito numerosos em São Paulo e em outras partes do Brasil. Ultimamente ela se volta para os temas práticos da vida. O menor abandonado, por exemplo, os presos comuns e o tratamento deles. Também fizemos um levantamento de toda a cidade de São Paulo, para descobrirmos quais os problemas mais cruciantes e quais as soluções possíveis. Publicamos aquele livro, São Paulo — Crescimento e Pobreza em 1975 e agora estamos para lançar o segundo número, As Soluções Possíveis para os problemas de Direitos Humanos. Como vocês vêem, nós, nosso esforço nasceu sobretudo de uma crise provocada pela repressão e agora ela se estende por sobre toda a convivência humana.

Acadêmico - 2. Dom Evaristo, na sua opinião, como poderá ser minorada a situação das classes humildes no país. Qual o papel da igreja nessa tarefa?

Cardeal Arns - Talvez o maior esforço nesse momento da história, deva ser feito exatamente em favor daquela maioria que se sente marginalizada exatamente porque não recebe o salário suficiente para si e sua família. Eu acredito que três medidas devam impor-se à curto, médio e longo prazo.

O primeiro que é o mais ur-

gente, é o salário adequado e aí, os diversos sindicatos estão reivindicando com calma, dentro de uma ordem, dentro de um diálogo contínuo com os patrões. . . Então, estão reivindicando salários adequados sobretudo para a mão de obra de Rio, São Paulo e outras grandes cidades.

Uma segunda medida que se impõe também, e que é importantíssima também é que a redistribuição de rendas, da renda nacional se faça de uma maneira muito mais justa do que está sendo feita até o instante. Eu acredito até, que isto deva vir a médio prazo para não haver uma explosão em todo esse sistema. Mas isso também deva vir, penso eu, ligado a toda história da economia do mundo. Que os países ricos não explorem tanto os países mais fracos; que as multinacionais não suguem todo o sangue das nossas pequenas e médias empresas aqui e assim por diante.

Mas há um terceiro elemento muito mais importante. E muito mais decisivo. Eu acho que nós devemos partir para uma fase de maior participação de todos tanto nas empresas quanto em todos empreendimentos que tenham algum caráter comunitário como tem todas essas grandes firmas e outros empreendimentos escolares, culturais, sociais. E para isso a humanidade está caminhando seguramente, embora seja a mais longo prazo. Temos alguns exemplos já em nossas teses, mais acredito que ainda seja prematuro dizer, quando chegaremos a uma solução mais justa.

Acadêmico - 3. Dom Evaristo, os dois itens que o senhor citou no início são então os fatos que justamente separam no Brasil, a Igreja do Estado?

Cardeal Arns - Não. A tragédia não é a igreja estar separada do estado, isso, é até um benefício. Cada qual tem a sua área, cada qual tem a sua missão. A tragédia no Brasil é do estado estar sepa-

se encontrava banido, no ano de 1974.

Em 1974, D. Paulo Evaristo Arns, o Reverendo James Wright, e o presidente da Comissão de Justiça e Paz, Cândido Mendes de Almeida, apresentaram um dossiê sobre 22 casos de desaparecimento, às autoridades. As explicações dadas pelo Governo frente à tal denúncia, não foram absolutamente satisfatórias e não houve mais nenhuma referência aos casos. No momento, diversas famílias

Censura

A censura à Igreja é apenas parte de uma censura vasta que, nos meios de comunicação, minorou apenas recentemente.

ENTREVISTA A DOM PAULO EVA

rado da Nação. Os governantes estarem separados do povo. O povo alheio aquilo que lhe pertence. Esta é a tragédia. Porque a Igreja continuará sempre com a sua missão de orientar, em primeiro lugar, depois, de suscitar o espírito crítico, depois também de tomar algumas iniciativas que possam enriquecer as experiências humanas. Mas não será a Igreja que vá em qualquer circunstância substituir o estado. Isto seria pouco razoável, e a Igreja não foi criada para isto. Ela foi criada para transmitir esperança e levar o povo mesmo a tomar a sua história na mão.

Acadêmico - 4. Dom Evaristo, o que o senhor poderia falar das manifestações públicas por parte dos estudantes e de muitos trabalhadores, que acontecem atualmente no País? Na sua opinião, o que vem motivando essas manifestações.

Cardeal Arns - À meu ver há três tipos de pressão que se desenvolve ultimamente. Um se tornou célebre, sobretudo nos últimos dias. É a pressão por exemplo quanto ao alto custo de vida. Pressões pacíficas que às vezes nascem em pequenas comunidades, congregam depois 20, 30 chegam a mil, duas mil ou três mil comunidades e, desta vez atingiram a 1 milhão, 250 mil assinantes; portanto praticamente quatro milhões a cinco milhões de pessoas, só na cidade de São Paulo. Portanto é um movimento de pressão, um movimento popular, mas repito, ordeiro, com conteúdo sério, com discussões, com economistas populares apoiando e verificando também possibilidades práticas de realização.

O segundo movimento são as pressões de estudantes, operários que se fazem dentro de uma certa circunstância política. E infelizmente a nossa polícia em São

Paulo, p
chorros, c
brocutus,
estudantes
pito semp
ocasião ac
taria de s
mento de
combater
eles empr
inteligenci
tanto pelo

A
rios, Toi
de greves
vocês sabe
que se lan
taram tod
resolver o
também t
ras, pacifi
o element
ciência d
muito gra
meza per
o clima n
clima é an
mocrática
participaç

Acadê
risto, re
igreja no
processo

Carde
somos to
crém. E
Igreja, ca
Deus. Ecl
a sua cul
feito mais
Leão XII
fazendo a

O CARDEAL ARISTO ARNS

provocou lançando ca-
cães adestrados nas ruas,
s, carros de guerra contra
tes desarmados, e, eu re-
mpre o que disse naquela
ao coronel chefe da secre-
segurança, que o movi-
de estudante só se pode
er pela mesma arma que
pregam, quer dizer, pela
ncia. E não pela força; por-
elo diálogo.

a os movimentos operá-
i mais longe, lançou mão
es. A greve como todos
bem, é o último recurso de
ança mão quando se esgo-
odos os outros meios de se
o problema. Acredito que
tenha sido greves orde-
íficas em que o diálogo foi
ento central; em que a pa-
dos trabalhadores foi
grande e também a sua fir-
ermanente. Me parece que
não é o de desordem. O
antes de uma abertura de-
ca e tentativas novas de
ação.

5. E Dom Eva-
e de culpa cabe a
no desenvolvimento do
so da injustiça social?

Arns - Bem a Igreja
todos nós, aqueles que
Então se cabe culpa a
caberia culpa ao povo de
claro, cada um de nós traz
culpa a sua parte, devia ter
ais. Agora a Igreja desde
XIII, vem constantemente
as três coisas fundamen-

tais, primeiro dando orientação
clara a todos os cristãos e aos ho-
mens de boa vontade. Vocês
sabem o que significaram todas as
grandes orientações da Igreja, so-
bretudo a Mater Magistra e Pace
mi Terr sobre direitos humanos.
Foi aí que o mundo acordou para
os grandes problemas como tam-
bém para, a partir da Populorum
Progressium. Além disso a Igreja
tem obrigação de dar critérios, de
suscitar portanto o espírito crí-
tico. Fazer com que os cristãos
não se deixem simplesmente levar
pela onda e depois se arrependam.
Mas que eles possam descobrir os
critérios, aplicar os critérios e ter
iniciativa. É a terceira coisa é que
a Igreja deve realmente organizar
pequenas comunidades, onde
todos esses problemas sociais pos-
sam ser discutidos e a cada nível
possa haver soluções possíveis.

Atribuir à Igreja culpa, me parece,
que é atribuir a culpa sobre o povo
todo e seria uma injustiça. Nós
passamos o tempo em que o cos-
tume prevalecia para um tempo
em que a lei prevalece. Um tempo
em que todo mundo vivia um
pouco do regime patriarcal para
um tempo em que cada indivíduo
defende a sua posição. Então
neste momento, acredito que es-
tamos em fase nova da história,
em que todos devemos ter idéias
comuns para que o bem que deve
ser defendido em primeiro lugar
em favor dos pobres não venha ser
prejudicado.

A Igreja luta desarmada

**O CELAM reunido em
Puebla discute agora pro-
blemas fundamentais para o
futuro da Igreja na América
Latina. Problemas como a
defesa dos pobres, luta contra
as injustiças, participação
dos cristãos na política.
Nesta entrevista a Robert
Serrou, do "Paris Match",
o cardeal de São Paulo,
D. Paulo Evaristo Arns,
um dos líderes do episcopado
latino-americano, fala sobre o que
significa a reunião de Puebla
e a sua posição, diante de
todas as questões que estão sendo
debatidas agora no México.**

**"Hoje, já não se discute mais
uma aliança entre católicos
e marxistas, a não ser..."**

RS — E a juventude?

D. ARNS — Uma coisa é certa: a juventude está in-
satisfeita com os políticos, a política e a ditadura. Isto é um
fato.

RS — A juventude intelectual ou a juventude em
geral?

D. ARNS — A juventude em geral. Um exemplo: eu
recebo no fim do ano mais de 150 convites, talvez até um
excesso, para falar nas Faculdades e Universidades, sobre
os direitos do homem, sobre as alternativas possíveis de
uma economia, de uma visão, de uma política novas. Os
convites partem de jovens que moram a 600 quilômetros,
que frequentam 5 ou 6 faculdades diferentes. A juventude
encontra na Igreja um clima de esperança. Talvez o único
clima de esperança atualmente. Não acredito que a Igreja
seja responsável nem pelas boas nem pelas más ações da
juventude. Ela deve ser livre. A única missão da Igreja é
fornecer-lhe o Evangelho. A Igreja não pretende encam-
par a juventude.

RS — Esta juventude está ligada à Igreja por uma
prática religiosa?

D. ARNS — Não. A juventude está ligada pelas
idéias. É muito mais importante que pela prática. Porque
a prática não deve ser mais que uma consequência e não
uma espécie de tradição. Eu posso dizer que a Universi-
dade de São Paulo foi fundada contra a Igreja católica.
Atualmente, como arcebispo, eu falo mais livremente na
Universidade do Estado que na Universidade Católica. Me
convidam demais para falar nas Universidades do Estado.
Os estudantes, é bom que se diga, não os responsáveis.

RS — Esta ligação à Igreja pelos estudantes não é uma
espécie de resistência aos ditadores, sejam eles de direita
ou esquerda?

D. ARNS — Eu não sei se é resistência ou aspiração à
liberdade. O que não se encontrou durante séculos na
Igreja, encontra-se agora. A liberdade é um dos maiores
valores, senão o maior valor para os cristãos. Esta ver-
dade foi reencontrada. Não se trata de resistência. O que
está em jogo é a liberdade e a consciência da liberdade. A
consciência de acreditar na liberdade e que a liberdade
deve ser uma espécie de clima humano, para que os va-
lores humanos não sejam desprezados.

RS — Num plano mais estritamente religioso, eu gos-
taria que o senhor me falasse das vocações na América
Latina. Acredito que no Brasil, por exemplo, deve haver
muitos padres casados e que as vocações são limitadas.
Qual a importância que o senhor dá especificamente ao
problema das vocações?

D. Arns — Este é um problema muito importante mas,
por incrível que pareça, nós temos feito pouco pelas vo-
cações. E mesmo assim elas agora são numerosas. Nunca
vi no Seminário de São Paulo tantos estudantes como
agora. Existem 51 estudantes que estão terminando seus
estudos, estão no fim de sua teologia. No passado, não
havia nem a metade. Cada ano, este número aumenta.
Depois, mesmo privados dos meios de apostolado como o
rádio e a imprensa, as vocações estão aumentando. Ao
ponto de este ano não haver lugar para muitos estudantes
do curso superior.

RS — Como o senhor explica este fenômeno?

D. Arns — Quando a juventude vê uma forma de ma-
nifestação do homem inteiramente em favor dos outros,
ela entra na guerra. E o que ela faz atualmente. Os jovens
são os melhores. Apenas esta semana, eu vou ordenar seis
padres. Cada um é ordenado na sua paróquia. Temos oito
bispos que neste momento estão fazendo a mesma coisa. O
problema de vocações não me preocupa: além do que
acredito que a Igreja não deve se preocupar com estes
problemas. No momento em que ela os esquecer poderá se
preocupar com os problemas dos homens, ela tem muitos
sacerdotes, como neste caso. E depois na nossa luta pelos
direitos do homem não contamos com a ajuda apenas dos
padres. Eu tenho agora uma outra forma de auxílio, que
vem das mulheres. Sábado passado, seis delas foram con-
sagradas à Igreja. Não para criar uma congregação re-
ligiosa mas para trabalhar conosco.

**O segundo documento de Puebla
foi adorado. Suprimiram, por
exemplo, a palavra libertação"**

RS — A propósito das mulheres, o senhor apóia a or-
denação?

D. Arns — Estou examinando as possibilidades. Eu abri
por exemplo, no ano passado, um curso de teologia com o
mesmo programa para os padres, mas somente para
mulheres. E o ano terminou com 60 mulheres passando nos
exames. São cinco anos de estudos. Elas terão, a seguir, os
mesmos direitos que os homens de ensinar, mas sem or-
denação, porque a ordenação é uma coisa que pertence à
Igreja universal. E elas comparecem em massa.

RS — O senhor acredita que elas terão um dia os mesmos
direitos no plano dos sacramentos, da missa em especial?

D. Arns — Eu acredito. E o que falta: a celebração da
missa. Elas conseguiram já uma celebração eucarística,
mas falta a consagração. Eu acredito que isto acontecerá
breve.

RS — Para o senhor, o que significa ser um bispo na
América Latina?

D. Arns — Eu penso sempre que o bispo é um animados.
Porque as pessoas se sentem apoiadas na sua caminhada
por qualquer um que ocupa uma posição superior e que se
coloca a seu serviço. Além do que, este serviço é hoje re-
partido entre todos os sacerdotes. A primeira missão é a
palavra, a animação e a partir disto os sacramentos, que
vem depois quando as circunstâncias exigem.

RS — O senhor dirige, eu creio, a maior diocese do mun-
do: a de São Paulo.

D. Arns — Com a do México, provavelmente: São Paulo
é uma imensa diocese com 9 milhões de habitantes.

RS — Eu creio que o senhor aplica uma pastoral muito
particular que o senhor chama pastoral da periferia.

D. Arns — Sim. Nos fixamos em quatro prioridades. A
primeira é justamente a pastoral de periferia: abrir cen-
tros comunitários na periferia com a ajuda do centro: cada
comunidade do centro deve se ligar a uma comunidade da
periferia, e colaborar com ela no plano humano e material.
Centro comunitário, significa um barracão onde as pes-
soas se reúnem, e aprendem o início de uma ocupação
profissional a fim de que possam trabalhar na cidade, sem
esquecer a ajuda à juventude, a catequese das crianças,
etc. Esta pastoral tem por objetivo a unificação da cidade,
para que não exista distinção entre centro e periferia.

Outra prioridade, a justiça para os trabalhadores. A se-
trata de combater os salários baixos. Terceira prioridade,
a mais importante: pastoral dos direitos do homem. É
uma verdadeira pastoral levada aos centros por pessoas
que tem uma pedagogia elaborada a fim de apoiar os di-
reitos humanos e descobrir onde encontrar forças para
defendê-los.

RS — É importante para o senhor a presença do Papa na
Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano?

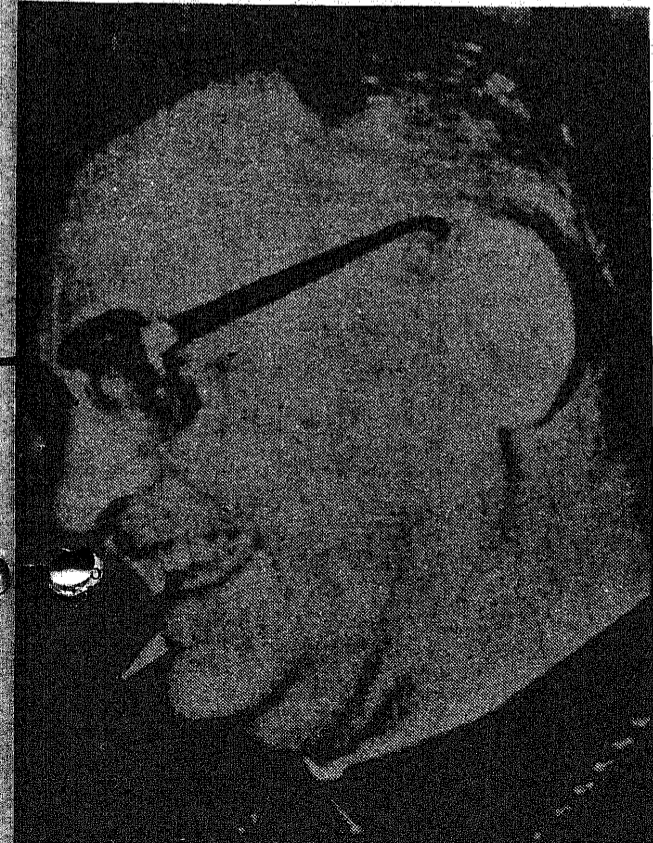
D. Arns — Certamente, sobretudo se ele puder trazer
uma mensagem mais forte.

RS — Uma mensagem forte em que sentido?

D. Arns — No sentido das propriedades que eu aponte-
Permita, para resumir que eu lembre da Comissão da
Terra que o episcopado brasileiro preparou para Puebla.
É necessário que os povos latinoamericanos que "clamam
aos céus" pedindo os mais justos e humanos de seus direi-
tos, encontrem na Igreja Católica uma resposta evan-
gélica adaptada. Se a Igreja deseja ser testemunha do
amor de Cristo, ela deve lutar com o povo, trabalhar com
ele, para que tenha condições de sobreviver na terra e não
apenas apontar-lhe o reino do céu.

RS — Mesmo que para isto ela tenha que entrar em con-
flito com os donos do poder?

D. Arns — Sim, se necessário. Sejam quais forem os do-
nos do poder.



A história da anã pré-fabricada e de seu pai o ambicioso marretador

**IGNÁCIO
de LOYOLA
BRANDÃO**

Inédito

Era uma vez uma anã pré-fabricada. Tinha 50 centímetros de altura. Os pais eram pessoas normais. Mediam 1,67 — a mãe — e 1,76 — o pai. A anã era anã porque desde pequena o pai batia com a marreta na cabeça dela. Ele batia, e dizia: "Diminua, filhinha". O sonho do pai era ter uma filha que trabalhasse no circo. E se ele conseguisse uma anã, o circo aceitaria.

Assim, a menina não cresceu. Tinha as pernas tortas, a cabeça era plana como mesa, os olhos esbugalhados: um globo, com as marretadas, chegara a sair; e deste modo o olho andava dependurado pelos nervos. Com o olho caído, a menina enxergava o chão — e enxergava bem. Por isso, nunca deu topadas.

A menina diminuiu, entrou para a escola, se diplomou. E o pai, esperando que o circo viesse para a cidade. A anã teve poucos namorados em sua vida. Os moços da cidade não gostavam de sua cabeça plana como mesa. Um dos namorados foi um mudo; o outro, um cego.

Com o passar do tempo, o pai ia ensinando à filha anã os truques do circo: andar na corda bamba, atirar facas, equilibrar pratos na ponta de varas, equilibrar bolas, andar sobre roletes, fazer exercícios na barra, pular através de um arco de fogo, cair ao chão (fazendo graça) sem se machucar, ficar de pé no dorso de cavalos.

De vez em quando, o pai emprestava a filha ao padre, por causa da quermesse. Ela substitua o coelho nos jogos de sortelo. Havia uma porção de casinhas dispostas em círculo. Cada casinha tinha um número. A um sinal do quermesseiro, a menina corria e entrava numa casinha. Quem tivesse aquele número ganhava a prenda. A anã não gostava da quermesse porque se cansava muito e também porque no dia seguinte ficava triste, com o pessoal que tinha perdido. Eles a seguiam pela rua, gritando: "Ai, baixinha, filha da p..., por que não entrou no meu número?"

Um dia, o circo chegou à cidade, com lona colorida, um elefante pintado de rosa, uma

onça pintada, palhaços, cartazes e uma trapezista gorda que vivia caindo na rede. O pai mandou fazer para a anã um vestido de cetim vermelho, com cinto verde. Comprou um sapato preto e meias três-quartos. Levou a filha ao circo. Ela mostrou tudo o que sabia, mas o diretor disse que tinha outros artistas que faziam aquilo. Andavam no arame, na corda bamba, equilibravam coisas, pulavam através de arcos de fogo, caminhavam sobre facas. Só havia um vaga, mas esta ele não queria dar para a menina, porque estava achando a anã muito bonita.

Mas o pai insistiu e a anã também. Ela estava cansada da vida da cidadezinha, onde o povo só via televisão o tempo inteiro. O dono do circo deu o lugar. A anã seria comida pelo leão, porque andava numa falta de carne tremenda. E assim, no dia seguinte, às seis horas, a menina tomou banho, passou perfume Royal Briar, jantou, colocou seu vestido vermelho de cinto verde, uma rosa na cabeça e partiu contente. Para o emprego.

FERNANDO NAMORA: UM AUTOR EM DIÁLOGO COM O MUNDO

A premência da injustiça social, os imobilismos e confrontações de classes, os contrastes da mediocridade da vida (ou de certas formas de viver) com a vida possível ou sonhada, a necessidade de construir voluntariamente um destino e os desalentos dessa voluntariedade ante os obstáculos do mundo real, a enorme capacidade da resistência à dor e a vontade cega e instintiva de sobreviver, são poderosas e frequentes motivações no jogo dramático do tablado de personagens de Fernando Namora.

"O hospital era a minha única ou última oportunidade de diálogo humano". Uma oportunidade difícil para um tipo como Dr. Jorge. Sua auto-análise percorre as páginas de DOMINGO À TARDE, em busca de uma comunicação que violentava seu eu enclausurado. Esta presente no livro de Fernando Namora um constante desafio entre o personagem-narrador e o ambiente que o confina, esse hospital canceroso, onde a "morte era muitas vezes uma solução cômoda, definitiva".

O autor centraliza, de forma segura, uma introspecção preocupada, mergulho crítico implacável de um personagem cuja "aridez era uma espécie de enxerto bastardo que, como as células vorazes dos tumores, tinha insidiosamente digerido o que nele havia de confiado e espontâneo".

Dr. Jorge, um médico comprometido com sua responsabilidade, é ainda orgulhoso demais para admitir a sua derrota frente ao câncer. E, a partir desta derrota, cresce sua aridez, passa a considerar seu trabalho inútil, como lhe diz certa vez a enfermeira (Lúcia). E Clarisse, a doente condenada pela leucemia, vai mais adiante, quando o ataca frontalmente: "Conheço a espécie de tipos como o senhor. Não suporta que lhes ponham um problema diante do nariz. Urram, resmungam, mas não falam. Têm medo."

Entre a personalidade asfixiada do médico e os motivos de sua luta árida, estão, muito palpáveis, os pacientes. A inter-relação entre ambos é fria, mecânica, porque Dr. Jorge vê nele "um confuso e denso rebanho: o rebanho à espera da matança". E quando examina as atitudes e reações do rebanho, torna-se cáustico ao surpreender-lhes as falhas psicológicas. Não compreende, por exemplo, a ligação que manifestam, através do mal comum: "farejam gulosamente a agonia dos outros. Dedicavam a podridão como aves lúgubres, cheiravam-na à distância. Abriam rasgos na carne esfarelada para cobrir com prantos de carpideiras". Como não entende também os enganados fingirem, como último trufo, que não estavam sendo atingidos: "A simulação, por último, bastara como a ternura das meretrizes".

E assim como não consegue relacionar-se com o mundo interno do hospital, muito menos com o mundo externo, fora da vivência, completamente divorciado dos problemas que o angustiavam. Para os outros, "o que eram coisas como a doença e a morte? Abstrações. Ou nem isso. "O personagem-narrador permanece nesse "cepticismo de lobo enjaulado" boa parte do livro, sempre remoendo uma indefinida "fútil impotência ou corrupção".

Clarisse, outro tipo realizado, vem do outro mundo, o mundo da morte prevista e a certeza de estar na lista dos sem-soluções. É ela que, pela primeira vez, desacata o médico seguro de si mesmo e o surpreende em termos claros na sua impotência científica. E ela ainda que depois de reagir contra ele e abandonar o hospital, volta pra sacudir o homem e não o médico, porque é do homem que esperava a última fonte de vida: "Venho pedir-lhe: calor humano. Pelo menos não morrer sozinha, num deserto." Eis o que estava inteiramente enferrujado em Jorge: calor hu-

mano. Mas não resistiu ao apelo de Clarisse — resolve sacrificar um pouco de seu egocentrismo e acompanha-a na última etapa da vida.

Aí começa uma análise de revisão de valores e atitudes. Clarisse espelha relacionamento humano com qualquer tipo de pessoa que encontra na rua, de todas as camadas. E ele constata "quanto tinha sido até ali desastrado nas relações humanas".

Aos poucos, muda seu ângulo de observação do eu e dos outros, em especial dos pacientes que vêm a ele. Ainda com o tom cáustico que lhe é peculiar, critica sua falta de aproximação humana e conclui: "Através de Clarisse sente, finalmente, que não era "um intruso nem eles seres alheios à minha vida. Coisas a rever".

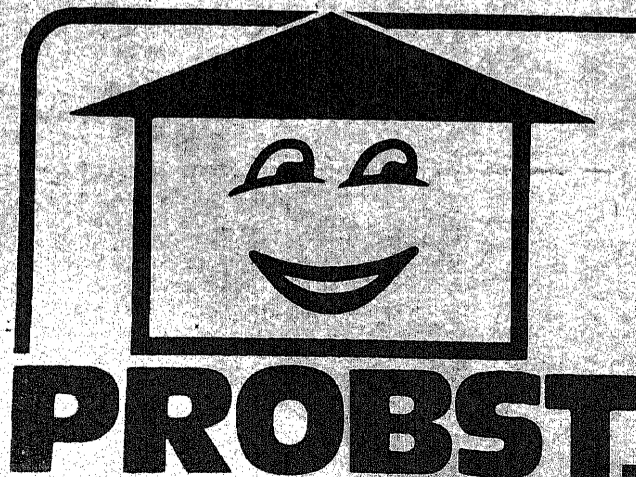
O renascimento de uma fagulha vivaz na aridez de Jorge se faz pela presença de Clarisse, solicitando calor humano. E as conclusões renovadas se precipitam: "O amor nos faz aproximar as coisas, habitá-las, que pelo amor as reconhecemos e que, depois de lhe recebermos a revelação, nada mais é preciso para nos sentirmos vivos".

Jorge vai levando sua auto-análise do tom amargo que afirma — "a vida é uma mistura indecente de coisas opostas, coabitando sabiamente, sem pejo" — para o tom triste, mas emocionado que admite — "agora, porém, as coisas surgiam honestamente esclarecidas: eu não era apenas um médico compadecido, era um homem com uma luta malograda mas definida, sabedor das razões por (F. R.) que lutava".

TIPOGRAFIA LUCHETTA LTDA.

IMPRESSOS EM GERAL
"ATENDEMOS BEM PARA
ATENDER SEMPRE"

BLUMENAU: Rua Floriano Peixoto, 200 — Anexo ao estacionamento Golden Star.
ITAJAI: Rua Hercílio Luz, 309 2º andar — Sala 8 — fone 44-0315



**NA ALEGRE
JARAQUÁ DO SUL,
NÃO PODIA FALTAR
O SORRISO DO PROBST.**

AO SUCESSO NA LITERATURA

JOÃO ANTÔNIO

Best-seller não existe. Nem em língua tupiniquim e tam pouco no país que continua sendo a República dos Estados Unidos das Bruzundangas ou o Reino de Jambon, do meu amado Lima Barreto, para quem o país de extensão continental tinha a forma de um presunto. Cada vez que se pensa que um best-seller nacional extrai quantidade ridícula de 3, 4 ou 5 mil exemplares, se fica sabendo que muita coisa anda de pé quebrado no chamado mercado editorial e na política (ou a completa ausência dela?) literária.

Para começo de conversa, escritor jovem no país tem 40 anos de idade: 20 de luta literária e mais 20 tentando a divulgação. Na verdade, o segredo está mais no fato de se morar num dos polos importantes da Bruzundangas do que ter um aceso engenho. Ai de quem não viver na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro! E assim mesmo é conveniente viver na Zona Sul e de pois do túnel de Copacabana. Fora desse limite geográfico não há salvação para o sucesso literário. Escritores que moram em Vila Isabel, Cascadura, Niterói, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Vitória, Manaus e outras províncias, é como se morassem em lugares tão sórdidos que jamais chegariam à condição de notícia literária.

Quem foi rei é sempre majestade. Plantando nesta sacralidade, o Rio de Janeiro (que já não continua tão lindo, principalmente por ser o recordista nacional de buracos) continua a dar cartas e jogar de mão nessa matéria de sucesso. Decadentosa e de olhos compridos no seu próprio passado, a cidade outrora maravilhosa continua a exercer a ditadura tupiniquim. E, como toda ditadura, está sujeita e disposta a muitos tipos de injustiças. Na verdade, a considerar que alguns movimentos literários aconteceram inteiramente com independência do Rio de Janeiro, em Minas ou São Paulo, por exemplo, essa majestade é historicamente sempre questionável.

No entanto, em termos de badalhocia e de fusão cultural, só a ditadura do Rio de Janeiro continua levando ao sucesso. Quem era Wander Pirolí? Quem era Márcio Souza? Antes dos dois receberem a bênção carioca, não passaram de desconhecidos nada ilustres. Mas num golpe, chegados ao Rio, transformaram-se em verdadeiras bandeiras da categoria literária. Hoje, quem não leu "O menino e o pinto do menino" ou "Galvez, imperador do Acre" está mais por fora do que umbigo de índio. Enquanto isso, a literatura brasileira continua com alguns pingentes que têm tanto valor quanto os mais badalados autores da crista da onda literária: Sérgio Sant'Anna, Moacyr Scliar, Campos de Carvalho, José Agripino de Paula, Tânia Faillace a gente que poderia formar uma cadeia norte-sul do Brasil de, quando menos, uns vinte e cinco escritores de nível bastante apreciável. Todo esse pessoal tem mais de 20 anos de janela, mas não deu a sorte de nascer ou viver na faixa da zona sul do Rio de Janeiro.

Sucesso, mesmo quando conseguido em termos literários, nada significa em termos de profissionalização. Afinal, entre nós, a literatura ainda é um dom beletístico, vindo de Deus ou caído do céu. Toda vez em que um escritor tenta assumir uma posição profissional acaba arrumando brigas e levando nome ou de argentário ou de pão-duro. Escrever continua sendo um brilhareco inútil como desnecessário nessa Bruzundanga, longe de valer como uma profissão. A verdade limpa é que a literatura aqui ainda é feita por alguns nomes para alguns grupos, numa espécie de clube de amigos e, a meu entender, quem arrear o pé dessa realidade já estará no terreno movediço da pura ilusão.

O próprio sucesso é uma visagem, com odaliscas e saltimbancos gingando na batida de algum pandeiro de acrílico. Está formado o clima de festivação tupiniquim: o autor badalado pela única lista dos mais vendidos do país, a da revista *Veja*, passa a ser notícia para o pequeno grupo da nossa raquítica cultura urubana. E quem não o leu, está por fora de tudo. No entanto, a estrela continua a vender pouco e se levar algum escorregão pelo caminho, ai dele. A mesma cambada de fariseus que o colocaram no alto puxa a escada e fica olhando o infeliz de cara esborrachada no chão. Assim, o espetáculo tupiniquim só pode ser visto sob a ótica do humorismo ou da filosofia.

Millor Fernandes costuma dizer que a Censura nada mais fez do que heróis. Mas ela tem feito algumas vítimas. Só porque um livro de um dos nossos maiores escritores, Rubem Fonseca, foi retirado pela Censura oficial das

livrarias, imediatamente os livreiros cariocas se transformaram em mais realistas que o rei: retiraram toda a obra de Rubem das livrarias. Toda vez em que o leitor vai procurar um exemplar de "O Caso Morel" ou "A coleira do cão", o livreiro nos comenta com uma cara assustada, como se nos tivesse segredando um mistério só para iniciados: "Tudo de Rubem Fonseca está censurado". É muita safadagem. O autor já vive submetido a tiragens ridículas, a uma distribuição paupérrima. Não precisava de forma nenhuma de livreiros imbecis para lhe boicotarem a obra. Quem diz Rubem Fonseca dis Inácio de Loyola, José Louzeiro, e o resto do pessoal.

Existe no país das Bruzundangas uma imensa geladeira literária a que são atirados os autores durante anos e anos, sem a menor justificativa. O gajo pode ganhar, com um livro, todos os prêmios municipais, estaduais e federais. Aliás, prêmio literário no Brasil ainda é sinônimo de "conluio com o sistema" ou "produção de literatura bem comportada". O autor premiado continua ignorado, pois as nossas editoras insistem em manter uma completa ausência de política de divulgação cultural. Os nossos editores (será que temos algum, além de impressores de livros?) metem o livro no mercado e os dois que se danem — livro e autor. Está formado o ciclo vicioso. O editor não divulga o autor nacional porque ele não vende. O autor nacional não vende porque não é divulgado. Total: de todos os prejudicados, entre editor, distribuidor e livreiro, os dois maiores campeões de prejuízo são ainda o autor e o leitor.

Quando um autor passa a vender, imediatamente tropeça nos preconceitos elitistas da crítica (e temos crítica? Por que homens como Paulo Rónai, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Benedito Nunes, e Fausto Cunha não estão escrevendo crítica?) para a qual autor que vende não presta. Todo aquele que passar da primeira edição é um picareta dado a toda espécie de apelação e facilidades.

Durma-se com um barulho desse: Escrevemos livros e continuenos duros, tesos, quebrados economicamente. Af, então, a banda dos sabidos e quiquiriquis continuará a nos ter como grandes escritores.

Ao sucesso, não. Ao miserê! Ainda vivemos na idade medieval em que artista tem mais é que passar fome e o escritor morrer de tuberculose. Nos últimos 20 anos, nossa crítica pouca vez tem se ocupado de uma obra do valor da de Jorge Amado. Para ela, Jorge deve ser muito burro. No entanto, esse autor soube, além de construir uma cordilheira de livros, que já são patrimônio público, abrir um leque que atende a quase todas as faixas de leitores do Brasil. Os que gostam de denúncia social poderão ter *Capitães de Areia*, ou *Jubiabá*. Os que preferem uma literatura de mais mergulho poderão consumir *Terras do Sem Fim*. Os líricos ficarão com *Mar Morto*. Os participantes da esquerda furiosa (e vã?) poderão ler *Os subterrâneos da Liberdade*. Finalmente, os fanáticos da telenovela terão ao seu dispor *Gabriela, Cravo e Canela*. Os mais exigentes e amantes do "purismo" das estruturas literárias poderão ler *Os velhos marinheiros*.

Trata-se de um bom escritor. Já ouvi dizer que Jorge poderia ter realizado "Gabriela" em apenas 200 páginas. Respondo com o seguinte: se foi assim, o baiano soube encher linguíça com "mestria" durante as outras 250 páginas. Já não será um talento respeitável?

Tenho sido xingado nesses últimos três anos de best-seller. Peço licença para não aceitar, pois nessa altura eu tenho o direito de me sentir uma vedeta de calcinha furada neste reino de Jambon, onde é mais provável um burro sair voando do que um escritor chegar à profissionalização. As edições continuam como há vinte anos, extraindo 3, 4 e 5 mil exemplares. Apanhe-se o preço de capa de livro, retire-se os 10% e é esta a fatia que me toca desse latifúndio. Quem não for cego dos dois olhos em aritmética perceberá logo que não estou ganhando nem para o pagamento do aluguel. Mas a verdade clarinha é que não se põe glória na mesa. E também não se come de amigos, como nos tempos de Camões. Antes pelo contrário, a gente vai tirando minhoca do asfalto com luva de boxe.

Talvez se possa dizer que um best-seller nacional vive mais de tortos do que de direitos. Aliás, se Malagueta me visse assim, provavelmente disse:

— O best-seller de araque. Se isso for boa situação, meu, urubu é meu louro e paralepípedo é pão-de-ló. Desguia, azar!

TEM SAMBA DO OUTRO LADO DA CIDADE

O NOSSO TEATRO

MARIA ODETE ONÓRIO OLSEN

RUTH ESCOBAR, AQUI EM BLUMENAU

É claro, trazendo a peça *A REVISTA DO HENFIL*, e depois de ter escapado no maior sufoco, da polícia e da censura, no vizinho estado do Rio Grande do Sul. Parece que os nossos amigos gaúchos, não foram chegados à aula de democracia da Graúna.

Com esse tal estado de coisas por que o país está passando, essa tal de transição política, que o Rischbieter, tão bem enfatiza (esses tais combates a pobreza absoluta, Irás à vista, e etc.)... pois é, os gaúchos agora mais do que nunca, devem estar arraigados àquelas idéias, de que são o único estado independentes na União. Com a corrida que eles deram na Escobar e sua equipe, eles já devem ter transado uma união com o Uruguai. Aliás, parece muito fácil transportar a gauchada pros lados de lá, do que de lá arrancar um brasileiro.

— Ruth Escobar, o que você procura reivindicar nas

peças que encena e produz?

R.E., Eu acho que o teatro brasileiro, está em busca do seu caminho, aliás como toda a nação, que também está em busca do seu caminho. E durante muitos anos talvez, nós não fizemos o que queríamos, devido ao período negro de censura, que atravessamos.

Eu acho que nós atravessamos, de 77 pra cá, talvez um período de reflexão, em que nós só, os intelectuais, os artistas, se debruçaram sobre si mesmos, avaliando o trabalho que haviam feito, e tentando procurar um novo espaço pra reconquistar, os nossos direitos. E para ajudar a conduzir o país a seu estado de direito, as liberdades democráticas, a uma constituinte soberania, e a uma anistia ampla, geral e irrestrita.

Este espetáculo, (*REVISTA DO HENFIL*), está vinculado com tudo isto.

Maria Odete

PROCURA-SE UM PALCO. COM LICENÇA?

“A CHO que a responsabilidade do artista hoje é a da profundidade, é a tentativa desesperada de seguir o que disse Brecht (“afunde, aprofunde o mais que puder, pois só assim poderá descobrir a verdade”). É essa tentativa de ser profundo, não no sentido obscuro, mas no sentido de riqueza de vida, de paixão pela existência humana, pela vida humana”.

Há cinco anos, alguns meses antes da sua

morte prematura, Oduvaldo Viana Filho reafirmava nessa última entrevista ao repórter Ivo Cardoso, da revista "Visão", os caminhos do seu teatro. Caminhos que se fecham na sua obra maior, e derradeira. "Rasga Coração" é o mergulho profundo naquele sentido de "paixão pela vida humana". Depois de longos anos trancafiada nas gavetas do arbítrio. "Rasga Coração" prepara-se para romper as barreiras da intolância e, talvez já neste segundo semestre, ganhar o palco que lhe estava proibido.

A TRISTEZA DO HOMEM BRANCO

O Juiz Liborni Siqueira afirma que o país precisa reformular toda sua política em relação ao menor, para que as prisões dos juizados fiquem vazias

Como o senhor vê a Política Nacional do Bem Estar do Menor?

— Que política? O menor no Brasil não tem direito nem ao atestado de nascimento. Para registrar o filho, o responsável tem que pagar de Cr\$ 200 a Cr\$ 300, mais de 15% do salário mínimo. Fizemos uma campanha no município, com o apoio da LBA e registramos 9 mil 200 crianças, sem nenhuma propaganda. E as crianças não registradas e não vinculadas ao INPS não podem se valer da Previdência Social. Temos hoje no país um total aproximado de 30 milhões de pessoas — adultos e crianças — não cobertas pelo INPS.



O que é Raoni?

— É um filme que dá a palavra ao índio. É o nome de um cacique da tribo Mekrojoti. Crio que em termos de cinema direto. É o primeiro em que o índio expõe seus problemas. Começa ficção pura, passa para documentário e tem um final simbólico. É um filme feito no Parque Nacional do Xingu e uma das experiências mais fortes de toda a minha carreira.

NÃO ENTENDO NADA DE AGRICULTURA

OS PLANOS DE RISCHBIETER

Combater a pobreza absoluta é meta do futuro ministro da Fazenda

TEATRO INFANTIL

EULALIA RADTKE

EQUIPE VIRA LATA

HISTÓRIA DA EQUIPE VIRA LATA: Com 5 anos de experiência em teatro amador atingindo o público infantil do Vale do Itajaí, e após o curso com o Grupo Gira Mundo de Belo Horizonte, os membros do Carlos Gomes Junior, resolveram criar a Equipe Vira Lata.

Entidade esta, que deveria dedicar-se ao teatro infantil em todo o Estado, desta forma contando com o apoio da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, passou a Equipe Vira Lata a funcionar em caráter profissional a partir de março de 1978, 14 pessoas passaram a atuar exclusivamente e em horário integral à artes cênicas.

Desta forma o grupo conseguiu sua auto-suficiência e a experiência adquirida muito irá ajudar na conquista de novos mercados para o engrandecimento do teatro em Santa Catarina.

Em 1977, 20 cidades foram atingidas levando 19.600 crianças ao teatro. Em 1978, 84 cidades, com o público de 86.700 crianças. Em 1979, nosso intento é atingir todo o Estado de Santa Catarina.



1979 ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

A criança é pessoa importante em seu município, além de créditos escolares, merenda e outras obras o que é que a criança recebe diretamente?

O mundo da fantasia é o mundo da criança, em quantas cidades as crianças ficam restritas à televisão.

Promova um encontro da meninada de sua cidade com a equipe Vira Lata, seja em salão, praça, campo de futebol, ginásio esportivo ou pátio do colégio.

Grande número de crianças em faixa escolar nunca foi ao cinema e a teatro nem se fala.

Sabemos que teatro é cultura e a criança que não recebe base cultural não reúne condições de atitudes criativas.

Quantas crianças em seu município não são verdadeiros artistas e que por não terem oportunidade de participar ou assistir a espetáculos teatrais não desenvolvem este dom natural?

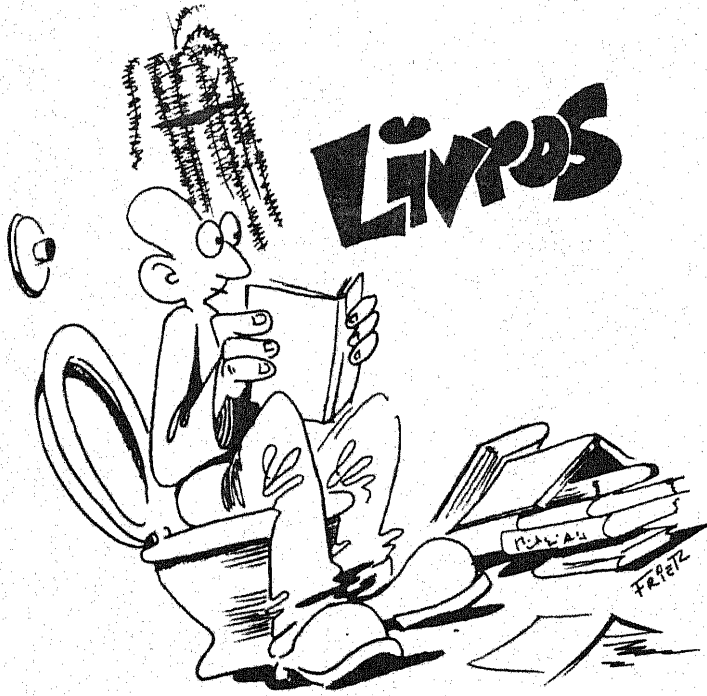
A criança é o maior investimento a médio prazo, pois serão elas as cabeças pensantes de um futuro próximo.

1979 é o ano base da dedicação à criança; é seu Ano Internacional.

Sempre é possível se fazer alguma coisa para que as crianças e professores despertem para a criação à arte.

Não seja um entrave à cultura. Force a criança a pensar e temos certeza que dentro de seu município, existem muitos valores. Por falta de oportunidade ficam presas à rotina das coisas.

Transforme o ano 1979 o ano base para a formação de um município mais alegre, mais cultural e, conseqüentemente, mais progressista. Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes — Teatro Carlos Gomes — Blumenau - Santa Catarina.



EDITORA PEDAGÓGICA E UNIVERSITÁRIA — TÉCNICAS DE ESTUDO — Como estudar sozinho — de Maria Nilza Fernandes. Livro elaborado com uma preocupação de dar aos jovens, adolescentes e adultos, os recursos necessários para tirarem o máximo proveito dos estudos realizando-o inteligentemente e ao mesmo tempo despertando e estimulando a criatividade de cada um. 152 ps. Cr\$ 120,00.

EDUCAÇÃO SEXUAL — Seus fundamentos e seus progressos — Paul-Eugène Charbonneau. Livro co-editado com a Escola de Pais do Brasil procura responder as questões básicas sobre o assunto: sexo. Em que época da juventude os pais devem interferir, como os jovens devem ser preparados, qual o conteúdo da mensagem a ser transmitida, etc. 210ps. Cr\$ 150,00.

A CLASSIFICAÇÃO DOS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM — José Huerta. So recentemente se pôde sistematizar as descobertas dos investigadores e pedagogos que se ocuparam do processo ensino-aprendizagem. O livro procura dar aos iniciados meios eficazes cujo delineamento produza um grande caudal de informações significativas. 140 pgs. Cr\$ 170,00.

DELINEAMENTOS EXPERIMENTAIS E QUASE-EXPERIMENTAIS DE PESQUISA — Campbell-Stanley — Obra científica que já se impôs como a bíblia do pesquisador educacional. Em menos de 10 anos já superou a marca dos 100 mil exemplares vendidos. Escrita com o rigor da linguagem e sem concessões vulgarizadoras. 140 ps. Cr\$ 140,00.

ANESTESIA PEDIÁTRICA — Organizada por W. Dick e F. W. Ahnefeld — O livro aborda os vários aspectos da anestesia para crianças. Destina-se não apenas aos especialistas em anestesia, mas também a pediatras, cirurgiões e residentes dessas áreas.

NEUROFISIOLOGIA — Organizado por R. F. Schmidt — Trata-se de um manual básico de Neurofisiologia que se caracteriza por apresentar conceitos modernos, úteis e atuais, da fisiologia do sistema nervoso periférico e central. De interesse para estudantes das áreas biológicas e médica. O livro está condensando um máximo de informações aliado a uma grande riqueza de material instrutivo.

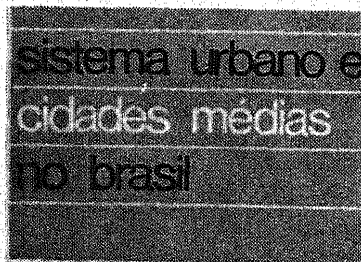
EDITORA IBRASA — INSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE DIFUSÃO CULTURAL S.A. — TEMPO DE APRENDIZ — Gilberto Freyre — Obra em dois volumes. Uma coletânea de artigos escritos por Gilberto Freyre enquanto nos Estados Unidos e depois na Europa para o mais antigo jornal de circulação na América Latina. Essa coletânea constitui-se atualmente na mais valiosa interpretação da sociedade e da cultura brasileira, interessante para aqueles que não tiveram a oportunidade de ler os artigos no próprio jornal.

OLAGO DE FOGO — Heitor Marçal — Heitor Marçal, romancista e ensaísta, participante do movimento modernista cearense com a revista Maracajá publicou diversos livros. O Lago de Fogo, é seu mais recente romance. Marçal foi comparado a Cassiano Ricardo por Menotti Del Picchia em crônica publicado no "Correio Paulistano".

EDITORA ÁTICA — PARA GOSTAR DE LER — Volume 4 de crônicas — Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos — Esse livro faz parte de uma série dirigida ao público infantil com os cronistas mais consagrados do Brasil. Esse último, conta em rápidas palavras como cada um deles começou a escrever e traz ainda uma crônica de cada um.

TEU CORAÇÃO DESPEDAÇADO EM FOLHETINS — Emanuel Medeiros Vieira — O último livro de um dos mais conceituados escritores catarinenses. O livro, continuando a temática de Emanuel em explorar o cotidiano com uma linguagem fria despida de gramaticalismos e sofisticadas é um atestado convincente de que a literatura catarinense existe e tem muita força.

EDITORA RECORD — SGT. PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND — Henry Edwards — O Sargento Pepper e sua banda, o grande filme de Peter Framp-ton e os Bee Gees agora num livro de 198 páginas. As mais famosas e polêmicas canções dos Beatles, do disco que empresta nome ao filme, agora num interessante livro.



thompson a. andrade
celsius a. lodder

43

IDEA coleção relatórios de pesquisa

IEPA — INSTITUTO DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO E SOCIAL — A CONTROVÉRSIA DO PLANEJAMENTO NA ECONOMIA BRASILEIRA — Eugênio Gudín e Roberto C. Simonsen — Livro em segunda edição que relata o confronto entre Gudín e Simonsen e a polêmica por eles travada entre Planejamento e Liberalismo.

**Eugênio Gudín
Roberto
C. Simonsen**

A CONTROVÉRSIA DO
PLANEJAMENTO
NA ECONOMIA
BRASILEIRA

2ª Edição



SISTEMA URBANO E CIDADES MÉDIAS NO BRASIL — Thompson A. Andrade e Celsius A. Lodder — Livro que analisa o processo de urbanização do país, suas implicações econômicas e sociais. Esse estudo examina as características principais das cidades médias brasileiras.

Anteprojeto de Lei Complementar
Luiz Zaidman

Comentários sobre o Anteprojeto: "A Propósito de uma Lei Orgânica para a Administração Federal"
Lincoln Teixeira Mendes Pinto da Luz

ESTUDOS PARA UMA LEI ORGÂNICA DA ADMINISTRAÇÃO FEDERAL — Luiz Zaidman e Lincoln Teixeira Mendes Pinto da Luz — O livro contém os estudos de um ante-projeto de lei orgânica da Administração Federal destinado a professores, políticos e administradores públicos.

EDITORA ARTENOVA — O CHOCQUE DO FUTURO — Alvin Toffler — Livro que fala sobre o que está acontecendo hoje às pessoas e aos grupos que vêm sendo sufocados por mudanças, mudanças essas que afetam nossas produções, comunidades, organizações — e até mesmo nossos conceitos de amizade e de amor. Esse livro nos ajuda a sobreviver ao impacto do amanhã.

A MESA DOS INOCENTES — Deonísio da Silva — Livro de crônicas sobre, segundo Antonio Hohlfeldt o universo da "Barra Pesada", não apenas encontrável nas crônicas policiais de todos os dias mas aquele mundo que prepara e propicia justamente aqueles eventos. E esse mundo nasce de nós, na organização familiar, na frequência escolar.

A FERRAMENTA DO ESCRITOR — Deonísio da Silva — Ensaio preocupado em dissecar à pesada carga de violência que envolve os contos de Rubem Fonseca em Feliz Ano Novo.

APRENDENDO PARA O FUTURO — Alvin Toffler — é um dramático apelo para que se "pense em tempo futuro". A tese do livro é claramente definida neste enunciado — "toda educação emana de imagens do futuro e toda educação cria imagens do futuro".

EDITORA VOZES — TEORIA DA COMUNICAÇÃO — Ideologia e Utopia — Roberto S.C. Moreira — É a busca de elementos teóricos utilizáveis numa análise de Comunicação que possa vir a ter valor de ciência, uma vez que as versões dominantes desta análise parecem ser mais ideológicas que teóricas.

REALIDADES E ILUSÕES NO BRASIL — Parlamentarismo e Presidencialismo e outros ensaios — Sílvio Romero — Uma seleção de ensaios políticos e sociais do autor sergipano Sílvio Romero. A obra traz a luz uma faceta pouco conhecida do conhecido autor brasileiro: a de analista do Brasil.

A LÍNGUA NACIONAL E OUTROS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS — João Ribeiro — Segundo o próprio autor, o livro constitui-se de notas aproveitáveis e endereçam-se principalmente à curiosidade dos amadores e estudiosos do idioma português na América.

A FELICIDADE PELA CONSCIÊNCIA DE SI — IOGA DO OCIDENTE — Suryakanta — Uma teoria oriental posta em linguagem simples e acessível a todos os interessados em manter e cultivar a serenidade na experiência da realidade última em seus aspectos pessoais e cósmicos.

EDITORA ALFA-OMEGA — 10 DIAS QUE ABALARAM O MUNDO — John Reed — Um dos mais importantes documentos sobre a tomada de poder pelos bolcheviques russos e é uma descrição honesta e completa dos acontecimentos que marcaram a maior mudança de todos os tempos no cenário político ocidental.

KARL MARX E FREIEDRICH ENGELS — TEXTOS — Obra em três

IV CONCURSO DE CONTOS

1. A Fundação Educacional da Região de Blumenau (FURB), está lançando o IV Concurso de Contos, edição 1979.

2. A inscrição é livre. Com exceção dos autores que já tenham publicado em livro (obra pessoal ou coletiva), poderão concorrer candidatos de todo o Estado catarinense, naturais ou aqui radicados, com qualquer grau de instrução e com qualquer idade.

3. Cada autor deverá apresentar 2 (dois) contos originais e inéditos, identificados somente por pseudônimo.

4. Os trabalhos deverão vir assinados com pseudônimo e acompanhados de um envelope fechado contendo nome verdadeiro acompanhado de biografia e endereço completo.

5. Os contos deverão ser encaminhados em 3 (três) vias, em papel tamanho ofício, da-

tilografados e em um só lado da folha em espaço dois. Todos os processos de reprodução (xerox, fotocópia etc.) serão admitidos.

6. Não há limite máximo ou mínimo para o número de páginas ou palavras de cada conto nem prescrições quanto a forma e conteúdo.

7. Em nenhuma hipótese serão devolvidas as cópias dos contos concorrentes, premiados ou não.

8. PREMIAÇÃO: Ao 1.º colocado será conferido o prêmio "Fundação Educacional da Região de Blumenau", no valor de Cr\$ 8.000,00 (oito mil cruzeiros); ao 2.º colocado será conferido o prêmio "Diretório Central dos Estudantes", no valor de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros); e ao 3.º colocado caberá o prêmio "Livreria Acadêmica", no valor de Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros).

Poderá ainda, a critério próprio, a comissão julgadora escolher até mais 5 (cinco) contos para publicação em livro, a título de menção honrosa.

9. Os direitos autorais dos contos premiados serão transferidos à Fundação Educacional da Região de Blumenau, a qual publicará em livro os contos classificados.

10. Os trabalhos deverão ser remetidos até o dia 30 de outubro de 1979 para: Setor de Cultura da FURB Rua Antônio da Veiga, 140 — Caixa Postal 7-E / 89100-Blumenau - SC.

11. A Comissão Julgadora do IV Concurso de Contos da FURB será composta por três nomes especialmente convidados e ligados ao meio literário catarinense.

12. Os casos omissos serão resolvidos pela entidade promotora.

DEPARTAMENTO DE CULTURA E ASSESSORIA DE IMPRENSA DA FURB COM NOVOS RESPONSÁVEIS

Norton de Azambuja e Edith Poerner são os novos funcionários da FURB que ocupam a Assessoria de Imprensa e Departamento de Cultura, respectivamente.

Com a vaga deixada pela saída de Wilson do Nascimento que acumulava os dois cargos, o antigo Depto. de Imprensa foi subdividido para melhor atender as necessidades da Instituição.

Ambos os Departamentos estão funcionando em sala conjunta anexo ao Departamento de Imprensa da FURB.

FOTO-POEMAS EM EXPOSIÇÃO

Eulália Maria Radke e Ingo Pénz, a primeira, conhecida poetisa catarinense e o segundo, fotógrafo profissional, reuniram seus talentos e idealizaram o que convencionou-se chamar de foto-poemas.

A mostra, será inaugurada dia 18 de maio de 1979 às 20:30 horas e permanecerá aberta ao público até o dia 31 de maio; o local para a exposição será o Saguão da FURB — Fundação Educacional da Região de Blumenau, Rua Antônio da Veiga, 140.

Trata-se de mais uma promoção do Diretório Acadêmico "Frei Fulgêncio" de Filosofia na comemoração do Aniversário (15 anos) da Instituição.

A exposição conta com 15 trabalhos, em se tratando de seus artistas, ambos premiados — Eulália e Ingo, podemos apostar no sucesso.

PELOS COMPRIMIDOS NOSSOS DE CADA DIA, ANÉM.

Talvez você não saiba, mas o brasileiro, segundo revelam as pesquisas, é um maniaco por comprimidos. E essa neurose, que a primeira vista pode ser um hábito dos mais inofensivos, provavelmente já reduziu o potencial do seu organismo à metade, ou pior ainda, está transformando a máquina geradora do seu "EU", numa anônima potência sui-

cida.

Exagero? Dê uma espiada nas tabelas abaixo, analise, e veja se alguma dessas misturas você já não fez, ou já não transformou numa confortável rotina.

É, a gente diz confortável, porque realmente essa é a atitude normal e geral. Porque dosar a alimentação, adquirir

uma certa dose de controle emocional, ou o inverso, porque não descarregar habitualmente os recalques, etc. etc., fazer uma ginasticazinha... se eles estão ali, pequenos, eficientes, e variados?

Dores de cabeça, nervosismos, depressões, prisão de ventre, pressão arterial, porque não? Analgésicos, antitérmi-

cos, antireumáticos, antiemorrágicos, anticoncepcionais, não se intimide. Tome-os. Mas antes analise o que você está fazendo. Veja se não existem outras maneiras, para eliminar o problema.

Mais naturais, por exemplo. Dê também uma chance ao seu organismo, de reagir. Depois sim. Mate-se tranquilamente.

MEDICAMENTOS QUE NÃO COMBINAM ENTRE SI

☉ + ☉	TRANQUILIZANTES (especialmente o Tofrani)	+ 1) Ismelina (hipotensor) + 2) Anticoagulantes	Diminui a ação da Ismelina, com riscos para o paciente. Pode causar hemorragia interna
☉ + ☉	ANTIALÉRGICOS	+ 1) Sedativos e tranquilizantes 2) Codeína (para processos brônquicos pulmonares)	Provoca tontura, sonolência e depressão dos centros respiratórios (em doses altas). Provoca sonolência, tontura, mal-estar (dependendo das doses).
☉ + ☉	ASPIRINAS (em grandes doses e uso constante)	+ 1) Anticoagulantes + 2) Antidiabéticos	Pode provocar hemorragia interna Baixa perigosamente a taxa de açúcar no sangue.
☉ + ☉	ANTIMICÓTICOS (especialmente o Glifuvin)	+ Barbitúricos, sedativos e tranquilizantes em geral.	Diminui a ação dos antibactericidas, impedindo a cura da micose
☉ + ☉	INSULINA (e drogas antidiabéticas ou hipoglicemiantes diminuem a taxa de açúcar)	+ Sulfas	Produz perigosa baixa de açúcar no sangue, agravando o diabetes.
☉ + ☉	ANTIBIÓTICOS	+ 1) Antiácidos + 2) Cauilin (pó ingerido para proteger mucosas, quando se tomam certos medicamentos)	Diminui o efeito dos antibióticos Diminui o efeito dos antibióticos, anulando sua absorção.
☉ + ☉	ANOREXIGÊNICOS (drogas para diminuir o apetite, como as anfetaminas)	+ 1) Antidepressivos + 2) Ismelina	Provoca dor de cabeça, aumento da pressão arterial a níveis perigosos, agita o paciente, em vez de o tranquilizar. Bloqueio do efeito da Ismelina
☉ + ☉	PÍLULAS ANTICONCEPCIONAIS	+ 1) Anticoagulantes (via oral) + 2) Antidiabéticos	Reduz o efeito do anticoagulante Reduz o efeito dos antidiabéticos
☉ + ☉	VITAMINA K	+ Anticoagulantes	Anula o efeito do anticoagulante

MISTURAS PERIGOSAS - ÁLCOOL E DROGAS

☉ + ☉	ASPIRINAS (doses altas o uso constante)	Faz baixar a taxa de açúcar no sangue. Pode provocar hemorragia no estômago, intestino e outros órgãos.
☉ + ☉	ANTIALÉRGICOS (anti-histamínicos)	Provoca sonolência. Pode levar à perda dos sentidos. Causa dificuldade respiratória.
☉ + ☉	ANTI-HIPERTENSIVOS (para baixar a pressão arterial)	Provoca tontura e perda dos sentidos. Anula a ação dos medicamentos, mantendo a pressão elevada. Em alguns casos ocorre o oposto: pode baixar subitamente a pressão, levando ao choque.
☉ + ☉	ANTIDIABÉTICOS (insulina ou drogas por via oral, ou ainda hipoglicemiantes)	Desequilibra a ação da insulina e do glucagon, causando súbita baixa de açúcar no sangue.
☉ + ☉	ANTICOAGULANTES	Elimina o efeito do medicamento. Pode causar hemorragia interna.
☉ + ☉	CLOROFENICOL (um tipo de antibiótico de alto valor terapêutico)	Diminui as defesas orgânicas. Pode produzir a granulocitose (redução perigosa dos glóbulos brancos — base de nossa defesa)
☉ + ☉	SEDATIVOS, TRANQUILIZANTES, BARBITÚRICOS EM GERAL	Provoca a depressão da córtex cerebral; doses excessivas de álcool e droga podem levar à morte.
☉ + ☉	CODEÍNA	Provoca tontura e depressão dos centros respiratórios. Depri-me o sistema nervoso central.
☉ + ☉	ANTIDEPRESSIVOS	Provoca sonolência e perigosa queda de temperatura. Causa super excitação nervosa, perturbações musculares e aumento da pressão arterial. Em doses altas pode levar à morte
☉ + ☉	ANTICONVULSIVOS	Diminui ou anula o efeito da droga.
☉ + ☉	BUTAZONAS E DERIVADOS (anti-inflamatórios usados para artrites e artrites reumatóides)	Diminui o efeito da droga e facilita a ação tóxica das butazonas e outros anti-inflamatórios. Há aumento da gastrina (hormônio produzido no estômago) e consequente irritação gástrica.
☉ + ☉	INIBIDORES DO ALCOOLISMO (anulam a vontade de beber)	Provoca vermelhidão, sonolência, náuseas, vômitos, depressão respiratória do tipo alérgico.